



a la hora

ABRIL DE 1961

a lianona

ABRIL DE 1961
VOL. XV — N.º 4

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

EDITORIAL

“Revelação”, Presidente Asael T. Sorensen 108

DE INTERESSE GERAL

Uma Luz Nas Trevas, Gert F. Folz 110
Nós Edificaremos, Wendell P. Mendenhall! 112
Algumas Palavras Sobre David O. McKay 114
Cuidado do Lar, Louise W. Madsen 115
O Caminho da Perfeição, Joseph Fielding Smith 116
Graça de Verão, Deone R. Sutherland 119
2.ª Conferência dos Jovens, Missão Brasileira do Sul 120
O Tempo Deve Ser Aproveitado, Não Desperdiçado, Jannie B. Rawlins 135

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do Pensamento, Delbert L. Stapley 107
A Igreja no Mundo 107
Eu Gostaria de Saber, Joseph Fielding Smith Jr. 109
Sacerdócio nas Missões 122
Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo, Cultive a Modéstia
Seu Ramo 124
Reminiscências 134

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Eangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — Arch J. Willis, Owen J. Stevens

Diretor Gerente:

Clarel Mafra dos Santos
Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras, Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

P R E Ç O S :

Exterior: Ano US\$ 3,50
No Brasil: Ano Cr\$ 150,00
Exemplar: Cr\$ 15,00

Missão Brasileira

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal 862 - S. Paulo - S.P. - Fone: 33-6761
Missão Brasileira do Sul
Rua Gen. Carneiro, 490 - C. Postal, 778 - Curitiba, Paraná - Fone: 4-8016



**ANDAR JUNTOS
IMPLICA EM CONCORDÂNCIA**

Excertos de uma alocução oferecida pelo *Elder Delbert L. Stapley* do Conselho dos Doze na conferência geral anual realizada em abril de 1958.

Como podem as pessoas, freqüentando Igrejas diferentes, de fé, doutrinas e preceitos divergentes andar juntas em compreensão e paz, quando discordam a respeito dos princípios cristãos básicos, dos verdadeiros ensinamentos do Evangelho e dos conceitos de fé? Andar juntos não implica em concordância, unidade de fé e singularidade de propósito?

O Senhor, arrazoando com os filhos de Israel por causa de sua obstinação e negligência no seguir os profetas, lhes declarou através de Amós:

“De tôdas as famílias da terra a vós somente conheci: portanto, tôdas as vossas injustiças visitarei sôbre vós.

“Andarão dois juntos, se não estiverem de acôrdo?” (Amós 3:2-3).

Uma grande e importante lição é ensinada naquela escritura; especificamente, que nós devemos andar juntos, em concordância de fé e doutrina com o Senhor. Essa admoestação e conselho não é tão aplicável ao povo do mundo hoje em dia como o era nos dias do Profeta Amós?

Foi o Apóstolo Paulo, escrevendo aos Santos Efésios, quem ensinou a doutrina de “Um Senhor, uma fé e um batismo”, e também lhes testificou que Cristo “... deu uns para apóstolos, e outros para profetas e outros para evangelistas...” (Efe. 4:11-14).

Se a verdade é consistente, e eu lhes testifico que é, poderá haver mais do que um verdadeiro caminho para Deus e a vida eterna? O Salvador disse aos judeus que nEle acreditaram:

“...se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos”.

(Continua na pág. 123)



**NOMEADO PRESIDENTE DA MISSÃO
PARA A AUSTRÁLIA DO SUL**

O Elder Bruce R. McConkie, do Primeiro Conselho dos Setenta, foi chamado para missão na Austrália do Sul. Ele sucederá o Presidente John O. Simonsen de Salt Lake City, o qual vem presidindo aquela missão desde a primavera de 1958.



Elder McConkie irá a Toorak, Austrália, em junho, e será acompanhado por sua esposa, Amélia Smith McConkie e por seis de seus filhos, Stanford S., 17 anos, Mary Ethel, 14, Mark L., 12, Rebecca, 10, Stephen L., 9 e Sara Jill, 4. Seu filho maior, Joseph Fielding McConkie está atualmente cumprindo seu tempo na Missão Britânica do Norte. Sua filha maior é a Sra. Vivian McConkie Adams de Salt Lake City.

O Elder McConkie formou-se pela Universidade de Utah em 1937, juntamente com sua esposa, e em 1940 chegou a ser promotor da cidade, resignando tal posição em 1942, para entrar no serviço militar. Foi desligado do exército como coronel, após quatro anos com a divisão de segurança e inteligência de Fort Douglas.

Por diversos anos vinha servindo como Coordenador dos militares Santos dos Últimos Dias, com supervisão geral dos capelões dos S.U.D., líderes de grupos dos engajados e presidentes de ramos militares.

Durante os últimos 15 anos o Elder McConkie tem viajado extensamente pela Igreja, participando de conferências nas estacas e percorrendo missões como autoridade Geral da Igreja.

**ESTABELECIMENTO DO PROGRAMA DE
MISSIONÁRIOS DE TRABALHO**

Após a conferência especial realizada pelo Comitê de Construção da Igreja com os Presidentes de Missão da América do Sul, (vide “A Liahona”, março de 1961, pág. 75) o Elder Wendell B. Mendenhall, Presidente do Comitê retornou a Salt Lake City com o relatório de que o Elder William Jackson, o qual foi recentemente designado como supervisor do programa de construção da Igreja na América do Sul, estabelecerá sua sede de trabalhos em

(Continua na pág. 123)

“Revelação”

Pelo Presidente

Asael T. Sorensen

da Missão Brasileira do Sul

Desde que a Igreja foi restaurada na terra, tem havido alguns membros que declaram ter recebido revelações para a Igreja, não reconhecendo que o adversário (Satanás) empregará todos os meios que puder para rebaixar e conduzir à perdição. Ele é o “pai das mentiras” e é reconhecido como aquele “que engana todo mundo” (Apocalipse 12:9.).

Todos os Santos dos Últimos Dias devem conhecer tão bem os princípios de revelação, que quando surgirem essas assim chamadas “revelações”, possam imediatamente reconhecer que não são de Deus.

Primeiramente precisamos compreender que só pode haver um na terra autorizado por Deus para receber revelações para toda a Igreja. Quando Joseph Smith recebeu as chaves do Sacerdócio, somente ele as possuía na terra; quer dizer, ele foi o primeiro, e permaneceu como líder. Foi-lhe prometido que as chaves do sacerdócio não lhe seriam tiradas ou removidas enquanto permanecesse fiel. Quando morreu, Brigham Young foi escolhido pela voz dos Santos e sancionado pela voz do Senhor; ele recebeu o sacerdócio segundo a ordem do Filho de Deus, juntamente com as chaves pertencentes à Presidência deste Sacerdócio sobre a terra. Recebeu-as das mãos de Joseph Smith. Essa mesma autoridade vem passando de um para outro até atualmente, quando temos David O. McKay como o único homem autorizado na terra a receber revelações para toda a Igreja, e o único que recebe revelações diretas de Deus.

Reconhecendo que a Casa de Deus é uma Casa de Ordem, devemos também reconhecer o fato de que o Senhor não daria revelações contraditórias a Seus Filhos na terra. Nós somos Seus filhos através do batismo, pois tomamos Seu nome sobre nós. Assim sendo, quando recebemos uma advertência da Primeira Presidência, estamos sob a obrigação de completa obediência.

O espírito de revelação é sentido por toda a parte, através da Igreja. Cada pessoa possui o direito de receber inspiração divina para suas necessidades particulares. O homem que possui o espírito de revelação pode reconhecer se é um



pecador, se tem inclinação para o mal ou se está honrando seu chamado perante Deus ou não. Pode ver claramente suas próprias imperfeições, e notar quando está agradando ao Senhor. Não é preciso ouvir uma voz, para saber essas coisas, mas pode sentir no coração quando se está agindo contra ou de acordo com o Espírito do Senhor.

Cada membro deve viver assim, isto é, como o Senhor revelou: “Deixe que a virtude adorne teus pensamentos incessantemente” (D. & C. 121: 45-46) para que tenha constante orientação do Espírito Santo. Então, quando ele se ajoelhar para orar ao Senhor, estará cômico daquilo que não deve pedir levemente, mas oferecerá graças pelo que tem recebido e saberá a quem deve orar. Desta forma poderá receber orientação divina em todas as suas atividades pessoais. Cada oficial da Igreja procura primeiramente aprender quais são seus deveres e responsabilidades, depois então procura receber inspiração do Senhor para que possa cumprir esses deveres da melhor maneira, de acordo com sua habilidade e compreensão.

Quando surgem problemas especiais ele ora ao Senhor para receber inspiração sobre como aplicar o conselho daqueles que possuem maior autoridade, para resolver com sucesso o problema. Não procura o conselho de Deus dizendo: “A situação aqui é diferente, portanto, não podemos seguir as instruções dessas autoridades superiores,

(Continua na pág. 118)

Pergunta: Estudando o Novo Testamento, cheguei a duas passagens escritas por Paulo como segue:

“As vossas mulheres estejam caladas nas Igrejas; porque lhes não é permitido falar, mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.

“E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na Igreja. (I Cor. 14:34-35).

“Quero, pois, que os varões orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda.

“Que do mesmo modo as mulheres se ataviem com traje honesto, com pudor e modéstia, não com os cabelos encrespados, ou com ouro ou pérolas, ou com vestidos preciosos.

“Mas (como é decente para mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.

“A mulher aprenda em silêncio, com iôda a sujeição.

“Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.

“Por que primeiro foi formado Adão, depois Eva”. (I Tim. 2:8-13).

Resposta: Os tempos mudaram desde os dias de Paulo. O conselho que Paulo deu aos ramos da Igreja estava em estrita conformidade com a lei dos tempos em que ele vivia. No comêço não era assim. Paulo dá a entender que Eva se calava porque ela foi criada depois de Adão, mas podemos ler na Pérola de Grande Valor, que depois das conseqüências trazidas sobre Adão e Eva pela queda, Eva proferiu um discurso. Êle é curto, mas maravilhosamente cheio de significação e reza como segue:

“... Se não fôsse pela nossa transgressão, nunca teríamos tido semente e nunca teríamos conhecido o bem e o mal, e o prazer de nossa redenção, nem a vida eterna que Deus dá a todos os que são obedientes. (Moisés 5:11).

“E Adão e Eva abençoaram o nome de Deus e ensinaram a seus filhos e filhas tôdas as coisas”. (Moisés 5:12).

Dali deprendemos que Eva assim como Adão recebeu revelação e mandamentos de ensinar seus filhos nos caminhos da vida eterna. Depois veremos que Miriam, a irmã de Aarão e Moisés, era uma profetiza que tomou parte importante no êxodo do Egito. Ela encabeçou as mulheres numa canção triunfal depois da libertação do Egito. (Ex. 15:20). Lemos também no livro dos Juizes que quando Israel foi feita prisioneira dos Canaanitas, Deborah, uma outra profetiza, guiou as tropas de Israel à vitória e julgou a Israel. (Juizes 4-4,

(Continua na pág. 133)

O CONSELHO DE PAULO SÔBRE AS MULHERES NA IGREJA

EU

GOSTARIA

DE

SABER

JOSEPH FIELDING SMITH Jr

Presidente do Conselho dos Doze

Responde à sua pergunta

“Este artigo foi preparado com o propósito de mostrar que Revelações e Profetas são tão necessários hoje em dia como o foram nos dias bíblicos”.



O Profeta Joseph Smith

Existem hoje em dia religiosos de seitas que clamam ser cristãs, que sustentam as mais curiosas e diferentes opiniões a respeito dos princípios básicos do evangelho. É comum êsses religiosos se encontrarem em situações difíceis e embaraçosas ao tentarem responder certas perguntas feitas por seus fiéis. Cita-se de passagem a do rapaz que ensinado que deveria amar a Deus sôbre tôdas as coisas, inquiriu seu doutrinador de como seria Deus, e ao ser-lhe respondido que era um mistério, voltou à carga!

O que é mistério? — Mistério é algo impenetrável à razão humana, incompreensível, algo que foge a todo o entendimento. — “E como quer o Sr. que eu ame acima de meus pais, meus irmãos, amigos e parentes, êsse Deus misterioso, que não posso conhecer ou fazer idéia de como seja?...

Casos como o acima mencionado, dia a dia tornam-se mais freqüentes, e muito contribuem para um aumento de descrença e incredulidade naqueles que desautorizadamente clamam ser os representantes e mensageiros de Nosso Pai Celestial.

UMA LUZ NAS TREVAS

por GERT F. FOLZ

É interessante notar que a maioria dos religiosos que incorre nestes êrros e vive disputando a respeito de mistérios e pontos doutrinários, sem nunca chegar a um acôrdo, parece concordar unânimeamente em um ponto, o qual seja; de que as profecias e revelações não mais são necessárias. Encerraram-se com Cristo, e o cânon das escrituras se acha completo, nada mais sendo necessário acrescentar, pois a época de manifestações divinas já passou...

“Se examinarmos tôda a questão religiosa, do princípio básico da necessidade ou não de Revelação atualmente, podemos perceber que o problema todo fica resumido da seguinte forma: — No caso de não mais haver necessidade de Orientação dos Céus para os complexos problemas que regem o governo de Seu Reino aqui na terra, seus ministros autorizados, deveriam então, não sômente estar capacitados a solucioná-lo satisfatoriamente, como a Igreja deveria estar cumprindo sua finalidade, ou seja a de agregar a todos em uma só religião, até que chegasse o dia em que existisse uma só fé (I) e um conhecimento perfei-

to do Filho de Deus. — E em caso contrário, ou seja, que a Revelação fôsse necessária à Igreja, porém não existisse, forçosamente dúvidas, desentendimentos, controvérsias e disputas surgiriam no seio da Igreja, entre a própria classe governante e dirigente, pondo em jôgo a validade e autenticidade de certas práticas, doutrinas e ordenanças. Graves transtornos e rebeliões internas se seguiriam, culminando em cismas, reformas e separações da Igreja Mater e subseqüentemente haveriam novas divisões e subdivisões”.

A grande questão de cuja resposta dependeria o sucesso ou fracasso da Igreja seria então: Existe ou não necessidade de revelação hoje em dia?

Os primitivos cristãos tinham um conceito mais completo do Plano de Salvação; não ignoravam que muito antes dos fundamentos dêste mundo serem lançados, houve um Grande Conselho nos Céus, ao qual compareceram todos os filhos espirituais de Deus que mais tarde poderiam receber corpos físicos neste planeta. A êste grupo de espíritos foi apresentado, para sua aprovação e apóio, um plano que estava baseado em experiências e provações terrenas. O plano era completo e perfeito nas menores minúcias, e incluía um “véu de esquecimento” que seria colocado sôbre nossas mentes ao aqui nascermos, impedindo-nos desta forma de nos recordarmos de nossa vida preexistente, nossas experiências e relações anteriores ao nosso nascimento, o que nos daria uma amplitude maior para exercermos o direito de Livre Arbítrio e provarmos nossa capacidade de viver fiéis fora da presença do Pai.

Mas isso não significa absolutamente que seríamos lançados nas trevas sem qualquer conhecimento ou orientação de Deus. Não, não seríamos abandonados; de tempos em tempos Êle falaria ao mundo dando instruções e conselhos.

Nessa mesma ocasião, entre os espíritos que comprovou serem bons, o Senhor apontou e escolheu alguns e disse: “A êstes farei meus governantes”. (II) Assim foram escolhidos e pré-ordenados antes da fundação dêste mundo, os homens que aqui liderariam o Reino de Deus; homens que através da história e relatos sagrados chegaram ao nosso conhecimento como sendo Adão, o ancião dos tempos, Enoc, que juntamente com sua cidade foi em vida trasladado aos Céus, Noé, através do qual a espécie humana foi preservada no Dilúvio, Abraão, o grande Patriarca que recebeu a promessa de que o Sacerdócio Real seria perpetuado através de sua semente, e que a mesma cresceria eternamente. Israel, o que lutou com o anjo do Senhor, Moisés, o grande profeta, que libertou o povo de Israel do cativeiro e o conduziu à Terra Prometida, João Batista, o precursor de Cristo, e tantos outros que seriam conhecidos como os profetas, videntes e revelado-

res do Deus Todo-Poderoso, na verdade seus servos escolhidos desde a preexistência. É por tais razões e motivos que encontramos nas escrituras referências como a de Jeremias (III) que foi por Deus conhecido e escolhido para ser profeta antes mesmo que seu corpo houvesse sido formado no ventre de sua mãe, ou em outras palavras, antes de nascer. E o Senhor falou que não faria coisa alguma sem que primeiramente revelasse os Seus segredos a Seus servos os Profetas. (IV)

Quando esteve aqui na terra, Cristo estabeleceu Sua Igreja sôbre o princípio da Revelação (V) e a edificou sôbre o fundamento dos Apóstolos e Profetas, (VI) homens que haviam recebido o direito e autoridade para agirem em Seu Nome, e comunicarem-se diretamente com os Céus, de lá recebendo a orientação necessária a Sua Igreja. Foi afirmado que as portas do inferno não prevaleceriam sôbre a Revelação, e temos hoje o testemunho de que a Igreja não caiu em completa Apostasia antes que a Revelação cessasse. Essa Apostasia foi predita como um acontecimento, mesmo antes da vinda de Cristo, e afirma-se que os santos, ou membros da Igreja, seriam afligidos, que falsos profetas se levantariam, e que por se multiplicar a iniquidade o amor de muitos se esfriaria. (VII).

Um século após, os apóstolos originais da Igreja serem levados da terra, muitos filósofos afiliaram-se à Igreja, e existem algumas dúvidas quanto à sinceridade dessas adesões, porquanto temos provas evidentes de que êsses filósofos tiveram oportunidade de ganhar a vida na Igreja, durante uma época em que houve falta de professores de filosofia e retórica. Os sábios pagãos, por sua superior habilidade nessas ciências, tornaram-se líderes de várias congregações cristãs e começaram a modificar e mudar a teologia e os ensinamentos da Igreja primitiva. Com o correr do tempo, o afastamento da Verdade ou Apostasia, foi-se generalizando, à medida que mais e mais rareavam os que possuíam autoridade e direito de comunicar-se com os céus, até que finalmente nenhum mais restou sôbre a face da terra. No segundo século após Cristo, surgiu então a doutrina de que as revelações não mais eram necessárias, que haviam cessado. Os dogmas e os rituais substituíram novamente o viver virtuoso, e em vez de unirem-se pela religião (VIII) os homens dividiram-se em mil ordens, e tôdas as modalidades de extravagâncias foram permitidas, ao pensar que podiam por meio de lisonjas, conquistar as graças do Regedor dos Céus.

Finalmente atingiu-se o máximo de perversão, quando a Igreja se tornou instrumento nas mãos do governo, e os religiosos cuja função devia ser a de guiar e consolar a humanidade sofredora,

(Continua na pág. 124)

Nós Edificaremos

*Palestra proferida pelo Presidente
WENDELL B. MENDENHALL no do-
mingo, dia 29 de Janeiro de 1961,
em Curitiba.*



Uma Grande Mensagem Para Você

Meus irmãos e irmãs, é ótimo estar com vocês nesta noite. Eu deploro não poder falar sua língua, mas quero saudá-los em uma outra que aprendi: “Ei-tuma tapu tana kuotu eitu wanahamea toko guianautau kiaufifi. Iyacameia rato kahariki tiapetoa gefeteta romapaikin abake ta katoa”. É realmente maravilhoso estar aqui. Eu me deleito em ouvir o som de suas vozes e em fitá-los dentro dos olhos. Vocês cantam como verdadeiros Santos dos Últimos Dias, e isto indica que têm o espírito do Evangelho dentro do coração; que são fortes no espírito da Verdade. Eu tive o privilégio de prestar meu testemunho em tôdas as regiões estrangeiras em que a Igreja opera. Mas esta é minha primeira viagem à América do Sul, e eu tenho uma grande mensagem para trazer hoje a seu conhecimento, como encargo a mim conferido pela Primeira Presidência da Igreja.

Os Santos São Parecidos

Tenho visto Santos dos Últimos Dias em tôdas as Missões da Europa. Vi-os em tôdas as Ilhas do Mar, na África e nas Missões da América. Agora venho visitar os irmãos da América do

Sul. Não existe diferença! Onde quer que estejamos, uma vez tendo recebido o Evangelho, aceitado o batismo e nos convertido, tornamo-nos unos no Senhor. Vocês que aqui estão hoje demonstram em tôda a aparência — na expressão de suas faces — que crêem e conhecem o Evangelho de Jesus Cristo, agora restaurado sôbre a terra. Vocês cantam as canções como quem sabe que Joseph Smith é um Profeta de Deus, e crêem ser êsse um sólido fundamento sôbre o qual se estabelece a Igreja. Vocês interpretam as canções como quem reconhece que o Presidente David O. McKay é literalmente um profeta de Deus, a quem penhoram sua lealdade dentro da Igreja.

Nova Era

Nós nos encontramos agora aqui, nesta grande terra, sob designação da Primeira Presidência, para introduzir uma nova era na edificação do Reino de Deus. O Espírito do Senhor parece estar influenciando fortemente sôbre as mentes e corações dos homens por tôda a terra. E muitas pessoas de tôda parte que têm oportunidade de ouvir a verdade, estão aceitando o Evangelho como não o têm feito desde a fundação desta Igreja. 130 anos atrás. E não há dúvida de que uma grande tarefa jaz diante de nós — não apenas a de aceitar a verdade, mas literalmente a de edificar o Reino de Nosso Pai. Portanto, nesta noite, trazemo-lhes a mensagem da Primeira Presidência, de estabelecer um programa integral de construção para as Missões da América do Sul.

Progressos na Austrália

Sinto-me satisfeito de ter aqui comigo, hoje, o Elder Walton, membro da Comissão de Construção e aquele que dirigiu nosso programa de construção na Austrália. Quando principiamos a obra de edificação naquela área, em 1957, o povo da Igreja tinha muito poucos lugares de reunião. E tôda a Austrália compreendia apenas uma missão. Durante a edificação das capelas o povo se uniu à Igreja tão rapidamente que a missão foi dividida. E após terminada a construção então, a afiliação foi tão rápida que no espaço de dois anos fo-

ram formadas três estacas de Sião na Austrália — uma em Brisbane, uma em Sidney e outra em Melbourne — tudo porque o povo trabalhou em unidade a fim de apreciar o erguimento do reino.

Requeria-se Um Programa

Em 1953, visitando a Nova Zelândia, eu procurava iniciar um programa nas Ilhas daquela região, assim como em Tonga, Samoa, Fiji, Havaí e Taití. Eles tinham muito poucos lugares de reunião — e nenhum dinheiro. Portanto, decidi-me que um programa seria elaborado, através do qual pudéssemos desenvolver liderança e habilitações de construção entre esse povo da Polinésia, ensinando-os a levantar edifícios.

Chamados os Missionários de Trabalho

Sob a orientação desse programa missionário, foram chamados homens moços de todas essas ilhas, a fim de aprenderem ofícios de construção. Chamamos ainda Missionários de Trabalho como supervisores, vindos dos Estados Unidos, para ensinar aos rapazes os ofícios requeridos. Assim, de 1954 a 1960, mais de 1.600 rapazes receberam o chamado de Missionários de Trabalho neste grande programa de construção do Reino.

Realizações

E o que edificamos? Mais de 150 capelas nas Ilhas do Sul, cinco colégios, diversas escolas primárias, uma universidade e mais de 115 casas para professores, além de um Templo do Altíssimo, ao qual o povo pode vir adorar e receber as bênçãos aí delegadas, após haverem-no construído com suas próprias mãos.

Antes dessa época, quase nenhum rapaz dali conhecia ofício de obras. Assim, isto provou ser uma grande bênção espiritual e também temporal para centenas de milhares de pessoas. Muitos desses jovens que foram chamados como Missionários de Trabalho, aprendendo um ofício de construção, estão agora ocupados em posições de governo, recebendo contratos, e empenhados na indústria privada dessa Ilhas do Sul.

Do Havaí

À Ilha de Havaí, onde estamos agora construindo um anexo à nossa universidade que já conta quatro anos, foram chamados 100 rapazes que já haviam recebido treinamento, para deixarem seus lares nos mares distantes, vindo ao Havaí construir outro grupo de edifícios para a Igreja. Treze desses rapazes eram casados. Muitos tinham de um a cinco filhos em sua família. Quan-

do lhes foi perguntado se partiriam, mesmo sendo casados, todos levantaram a mão. Um moço levantou e baixou rapidamente a sua. Perguntei-lhe então, “Porque é que você fez isso, levantar e abaixar a mão tão rapidamente?”, e ele me respondeu, “Irmão Mendenhall, eu acabo de me casar, hoje mesmo. Tenho que perguntar a minha mulher!”.

As Famílias Recebem Cuidados

Em seguida, mantivemos uma reunião com a Presidência do Ramo e Distrito, assim como com as famílias que moravam na região de onde sairiam aqueles 13 homens e suas famílias, e lhes perguntamos, “Como serão cuidadas as famílias, enquanto eles cumprem seu chamado tão longe?”. A isso responderam, “Irmão Mendenhall, pode levar os moços consigo para o Havaí, que nós garantiremos o alimento, roupas e cuidaremos das famílias de todos os rapazes que foram chamados”.

Fé Entre o Povo

Agora, os rapazes já estão lá por 18 meses. Vivem muito ocupados, trabalhando nove a dez horas por dia nas construções, e restam ainda de oito a nove meses de trabalho. Trabalhando à noite em ocupações particulares os moços levantaram capital suficiente para trazer suas famílias de 2.200 milhas de distância, a fim de viverem a seu lado. Todos levaram sua família ao Templo. Isto demonstra a fé que aquele povo possui e o espírito de construção do Reino que os anima. E, naturalmente, teríamos centenas de histórias a relatar, sobre como o povo construiu o reino por toda a Polinésia, à custa de grandes sacrifícios.

Supervisores Para o Programa dos Missionários de Trabalho

Muitos supervisores provenientes da América passaram cinco anos naquelas ilhas sendo agora desobrigados para voltarem a casa. Eles são homens que têm seus próprios negócios, homens que deixaram atrás de si seus lares e desejavam retornar a fim de reiniciar suas vidas. Antes mesmo que alguns desses homens chegassem em casa, voltaram a ser chamados para servir como Missionários de Trabalho Supervisores em várias partes do mundo. O Irmão Walton é um exemplo. — Mestre de obras na Califórnia, foi chamado à Austrália como Missionário de Trabalho e agora está sendo requisitado — por quanto tempo ele não sabe, nem eu, talvez pelo resto da vida — para servir como Missionário de Trabalho para esta Igreja. O Irmão Jackson, outro empreiteiro de Los Angeles, Califórnia, foi agora designado para supervisionar a construção em toda a América do

(Continua na pág. 128)

Algumas Palavras Sobre David O. McKay



David O. McKay, Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Alteando-se num centro em tórno do qual giram tôdas as verdades e virtudes, a Doutrina Mórmon só tem produzido frutos que se correlacionam com o bem moral e material da humanidade.

Quando um mórmon é imputado como líder, êle realmente o é. Assim sendo, até os que não são mórmons se encontram na obrigação de reconhecer essa liderança.

Drew Pearson, estrêla de primeira grandeza na grande constelação que é a imprensa norte-americana, e cujos artigos passam pelas rotativas de mais de duzentos jornais e revistas, publicou na edição do "Los Angeles Mirror" de 8 de setembro de 1960, o artigo "Mormon's McKay has many facets". Num bem explorado artigo, descreve algumas das facetas que o caráter do atual Presidente da Igreja apresenta.

Washington — Recentemente, à tarde, um cadilac preto deslizava suave pela auto-estrada que divide o deserto salgado a oeste de Salt Lake City. O distinto ocupante, de branca cabeleira, lançou um olhar prudente a sua espôsa para certificar-se de que a mesma dormia, e então cochichou travessamente para o chofer: "Vejam os agora do que é que êste carro é capaz."

David Oman McKay, o novo profeta Mórmon, francamente se delicia com o crescente zumbir de

um motor possante e com a música dos pneus sobre a estrada. O fato de haver um chofer no volante se deve a uma ansiosa família e a amigos seus, que conhecendo seu gôsto pela velocidade persuadiram-no a usar um chofer nas viagens noturnas.

Êste incidente serve para nos apresentar um dos mais notáveis homens de Igreja da América. David O. McKay tem viajado longe e rápido, por muito tempo nos seus 87 anos de vida. Hoje, no seu aniversário, êle apenas declinou um pouco.

"Meu filho", disse êle a seu filho Llewelyn que o aconselhava a conduzir o trabalho mais calmamente, "quando a gente pára, morre".

Formalmente falando, McKay é o Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas para mais de um milhão de mórmons ao redor do mundo todo, êle é tão profeta quanto Moisés ou Abraão. Como os profetas de tempos remotos êle é um líder temporal bem como espiritual de seu povo.

Acreditam-no dotado do dom de cura e do dom da Revelação. Mas êle também ocupa-se com assuntos materiais, dirigindo diversas corporações da Igreja, que incluem bancos, lojas, hotéis e refinarias de açúcar. Num mesmo dia êle se locomove das reuniões espirituais com os élderes da Igreja, para as reuniões comerciais com os diretores das corporações.

Tal como os pioneiros mórmons fizeram o deserto florescer, também hoje sob a liderança do profeta McKay os mórmons estão enfrentando os problemas da era do espaço.

Sua própria vida se estende por ambas as eras. Seu pai escocês e sua mãe galeza atravessaram as planícies em uma carroça coberta, apenas poucos anos depois de Salt Lake City ter sido fundada. Estabeleceram-se nas montanhas Wasatch, guarnecidas de neve, num pequeno e fértil vale ao norte de Ogden, Utah. Quando seu pai retornou à Escócia como missionário, David McKay, então com sete anos, ajudava a mãe no cuidado da fazenda. Êle continua ainda a cultivar aquêle mesmo solo, e igualmente, conserva os mesmos horários. De pé às quatro da manhã, traça o programa diário que lhe convém e ingere uma leve refeição. Depois, passa o amanhecer em meditação. Êle nunca chegou ao escritório depois das sete.

Observando minuciosamente o profeta, seu povo acha-o severamente simpático e cortês, tendo a face expressiva, vivificada por cintilações profundas, ternas e carinhosas. Seu chapéu "Côco", nãa pode conter os esvoaçantes cabelos brancos.

(Continua na pág. 127)

Cuidado do Lar

Um Nobre Chamado e Privilégio

Por LOUISE W. MADSEN
*Segunda Conselheira da Presidência
da Sociedade de Socorro da Igreja.*

Um dos mais enfáticos ensinamentos do Pres. Brigham Young, e que se apresentou em muitos dos seus sermões, refere-se ao grande valor da vida nesta terra. Num discurso êle disse: "As pessoas estão lutando com tudo que podem para aprender as coisas de Deus, mas se eu pudesse apenas fazer com que elas compreendessem o trabalho e a dignidade da vida presente, sentir-me-ia realmente satisfeito.

Nós falamos e pensamos bastante na vida que há de vir, e a obra cristã do mundo é preparar-se para isso. O tempo que agora ocupamos está na eternidade; é uma porção dela. Nossa vida presente é tanto parte da eternidade quanto uma vida pode ser". (Journal of Discourses, 9, pág. 168).

Num pequeno sermão dirigido às irmãs êle citou observações freqüentemente ouvidas das mulheres expressando vontade de "fazer algo para elevar o reino de Deus", se isso lhes fôsse possível. Sua sugestão para elas foi, "Porque não assumir e atender a vossos trabalhos domésticos, ajudando assim a elevar o reino de Deus?" Esta pergunta penetrante esclarece todo o nosso conceito do serviço das mulheres. As tarefas comuns e aparentemente mundanas do cuidado da casa e da formação do lar têm um valor espiritual que influencia a vida eterna das famílias. Quanto mais as mulheres se esforçam nessa direção, mais elevarão o reino de Deus.

Nas grandes eras de paz e justiça da história nefita, "as mulheres fiavam, lidavam e trabalhavam em toda espécie de panos, finos, sim, em panos de toda espécie, para poderem cobrir a nudez; e assim prosperaram no país e tiveram paz contínua..." (Mosiah. 10:5).

"E eis que suas mulheres trabalharam muito em fiação, fazendo toda sorte de roupas e tecidos de linho para cobrir sua nudez. E assim atravessaram o ano sexagésimo em paz". (Helaman, 6:13).

A obra das mulheres, atendendo a suas tarefas domésticas, contribuía para a paz contínua que caracterizava aquelas eras. Mas quando os homens começaram a usar seus bens para fins de conquista e guerras, e as mulheres começaram a usar belas vestimentas unicamente para adorno

pessoal, e não mais fiavam, nem teciam, nem trabalhavam", e começavam a vacilar na descrença", então o mal voltou de novo à terra.

Com êste e muitos outros exemplos registrados em nossa história religiosa, que confirmam o fato de que a obra das mulheres no lar é uma parte vital da construção do reino, respondamos à pergunta proposta pelo Presidente Young. Porque não assumirmos e atendermos a nossos encargos domésticos com o mesmo anseio de perfeição, a mesma vontade de fazer o bem, o mesmo desejo de seguir os ensinamentos da Igreja, e o mesmo esforço de servir ao Pai Celestial através de boas obras para com seus filhos, da forma por que devem se caracterizar tôdas as nossas atividades que intentam a exaltação? As mulheres que são Santos dos Últimos Dias devem ser espôsas e mães exemplares. O Senhor deu às suas filhas um lugar e chamado honroso e abençoado. É possível que hoje as mulheres precisem ser lembradas e encorajadas a seguir os ensinamentos da Igreja que se referem ao seu devido lugar e trabalho. É vital para o bem estar de uma mulher que ela tenha sucesso nas tarefas que Deus lhe atribuiu. Êste sucesso surge com a total compreensão e aceitação da obra que ela deve fazer. Os ensinamentos da Igreja com relação ao apôio respeitoso do sacerdócio de seu marido e de seu nome como cabeça do lar, assim como suas responsabilidades para com os filhos serão seu guia. Uma mulher incompetente como espôsa e deficiente como dona de casa raramente tem marido e filhos felizes, e pode fracassar no alcance de seu máximo desenvolvimento. Mas uma mulher prazerosamente consciente de suas oportunidades para tornar bela e feliz esta parte da eternidade, pode engrandecer seu chamado. O cuidado do lar é uma arte que envolve muitas habilidades. Espera-se de tôdas elas um alto grau de eficiência. Prudência no cuidado e asseio do seu lar, habilidade para costurar, cosinhar, criar beleza e prover de uma atmosfera que conduza à felicidade e progresso da família, são os atributos exigidos.

As mulheres elevam seus olhos acima da mera

(Continua na pág. 126)

O Caminho da Perfeição

Por JOSEPH FIELDING SMITH JR.

CAPÍTULO III

A HERANÇA DE MAIOR VALOR

“E disse-me mais: Está cumprido: Eu sou o Alfa e Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sêde, de graça lhe darei da fonte da água da vida.

“Quem vencer, herdará tôdas as coisas; e eu serei seu Deus, e êle será meu filho”. (Apoc. 21:6-7).

Era uma vez dois irmãos, abençoados por serem de pais nobres. Êstes filhos foram criados dentro dos princípios de retidão, e o seu pai lhes havia prometido que viriam a possuir a plenitude de seus bens. Mas o mais môço era impaciente, e disse a seu pai; “Pai, dá-me a parte dos bens que me toca”. Assim o pai repartiu entre os seus filhos os seus bens. E passados poucos dias, juntando tudo o que era seu, o filho mais novo partiu para uma terra distante e lá dissipou os seus bens, vivendo dissolutamente. Enquanto os seus meios duravam, êle achou pessoas que tinha como amigos, e que lhe ajudaram a gastar o seu dinheiro. Naturalmente, quando tudo se tinha ido, os amigos também foram embora. Houve então, naquêle país uma grande fome, e êle começou a passar necessidades, mas encontrou emprêgo sômente para cuidar e alimentar porcos. “De-sejava encher o seu ventre das landes que os porcos comiam, e ninguém lhas dava”. Quando tinha sofrido severa e longamente, tendo tido tempo para comparar a sua condição com aquela da casa do seu pai, onde os serventes tinham pão suficiente e de sobra, êle disse: “Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu, e contra ti, já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus serventes assalariados”.

Assim êle regressou, e seu pai viu-o quando estava ainda longe, e movido pelo espírito da alegria, foi correndo ao seu encontro. E o filho disse: “Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”.

Mas o pai chorou, e chamou os serventes para que trouxessem roupa para cobrir o filho pródigo que se tinha arrependido de seus pecados. E o pai misericordioso preparou uma festa e convidou todos os membros de sua casa e os amigos a se juntarem a êle em sua alegria, pois assim disse o pai: “êste meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido, e foi encontrado”.

E enquanto êles estavam alegremente feste-

jando, o filho mais velho permaneceu no campo, sentindo-se injuriado e tratado com injustiça. Sem dúvida êste irmão mais velho pensou que o pai, de novo, dividiria seus bens com o filho mais novo. Vendo que êle não entrava em casa, o pai foi até o campo e lhe suplicou. Mas o filho respondeu: “Há tantos anos que te sirvo, e nunca transgredi nenhum mandado teu, e nunca me deste um cabrito para eu me banquetear com os meus amigos; mas, logo que veio êste teu filho, que devorou os seus bens com meretrizes, lhe mandaste matar um novilho gordo”. Mas o pai, sábio e justo, lhe respondeu: “Filho, tu estás sempre comigo, e TUDO QUE É MEU É TEU. Era porém justo que houvesse banquete e festa: porque êste teu irmão estava morto, e reviveu: tinha-se perdido e foi encontrado”. — Lucas 15:11-32.

TUDO QUE O PAI TINHA

Aprendemos então que há júbilo no céu sôbre todo pecador que estiver arrependido; mas aquêles que forem fiéis e não transgredirem nenhum dos mandamentos, herdarão “TUDO QUE ERA DO PAI”, enquanto aquêles que poderiam ser filhos, mas que, pela sua “vida dissoluta” gastaram a sua herança, podem, pelo seu arrependimento, voltar à salvação para serem SERVENTES, mas não para herdar exaltação como FILHOS.

A maravilhosa história do filho pródigo tem sido interpretada erradamente quase que universalmente. De púlpitos sectarianos vem frequentemente a afirmação que, porque o filho mais novo transgrediu e cometeu tôda espécie de pecados e depois se arrependeu, êle estava em situação melhor do que o seu irmão mais velho, que não tinha pecado. Muitos deixam de compreender a verdadeira lição contida nesta parábola. O filho mais novo pediu a sua herança, e a recebeu. Êle saiu e gastou-a na mais desprezível perversidade. Quando os seus bens se tinham esgotado, foi forçado ao arrependimento, pelo sofrimento físico e pela degradação. Tivessem seus bens resistido mais tempo, e êle teria pecado proporcionalmente mais. É desnecessário repetir tôdas as circunstâncias da história. Basta mencionar que, ao regressar, o seu pai o recebeu, mas não prometeu reintegrá-lo na plenitude de sua herança; isto é aparente na resposta dada ao filho obediente: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo que é meu é teu”.

A MAIOR DÁDIVA DE DEUS

Alguns homens herdam riquezas pelo esforço laborioso de seus pais. Alguns, por herança, são elevados a tronos mundanos, a poder e posições entre os homens. Alguns procuram obter a herança de conhecimentos profanos e a fama dêles decorrente, e nisto se aplicam com esforço e perseverança; mas existe uma herança que é de valor maior do que tôdas. É a herança do enaltecimento eterno.

Dizem as escrituras que a vida eterna — que vem a ser a vida possuída por nosso Pai Eterno e seu Filho, Jesus Cristo, — é a maior dádiva de Deus. E será recebida somente por aquêles que estiverem limpos de qualquer pecado. Foi prometida àquêles “que, guardando os mandamentos, pudessem ser lavados e purificados de todos os seus pecados, recebessem o Espírito Santo pela imposição das mãos, daquele que foi ordenado e selado para êsse poder, e aos que vencem pela fé, e são selados pelo Santo Espírito da promessa. o qual o Pai derrama sôbre todos os justos e verdadeiros.

Êstes são a Igreja do Primogênito.

São aquêles em cujas mãos o Pai pôs tôdas as coisas —” (D. & C. 76:52-55).

Êstes tornam-se sacerdotes e reis, filhos de Deus e “portanto, tôdas as coisas são suas, quer

seja a vida, quer a morte, as coisas presentes, ou as coisas por vir, tôda são dêles, e êles são de Cristo, e Cristo é de Deus”. (Ibid. v. 59).

Paulo escreveu aos Santos Romanos:

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado.

Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço.

E, se faço o que não quero, consinto com a lei que é boa.

De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. (Rom. 7: 14-17).

O PREÇO QUE DEVEMOS PAGAR

É, pois, evidente que estas bênçãos gloriosas da herança eterna, pela qual viremos a ser filhos de Deus e herdeiros juntos com Jesus Cristo, possuindo “tudo que era do Pai”, não virão a não ser pela prontidão em guardar os mandamentos e mesmo em sofrer com Cristo se isso fôr necessário. Em outras palavras, os candidatos à vida eterna — a maior dádiva de Deus — devem colocar tudo que possuem no altar, caso fôr exigido, pois mesmo que lhes seja exigido oferecer suas próprias vidas, nunca poderiam pagar pelas bênçãos abundantes, recebidas e prometidas, baseadas na obediência às leis e mandamentos.

CAPÍTULO IV

INTELIGÊNCIAS ORGANIZADAS

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dêle, êste é o testemunho, último de todos, que nós damos dêle: que Êle vive! Pois vimo-LO à direita de Deus, e ouvimos a voz testificando que Êle é o Unigênito do Pai.

“Que por Êle, por meio dêle, e dêle, foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus”. (D. & C. 76: 22-24).

Lord Kelvin — Sir William Thompson — o eminente matemático e cientista inglês declarou: “Todos nós acreditamos confiantemente que existem agora, e têm existido desde tempos imemoriais, muitos mundos com vida, além desta nossa terra”. Parece impossível que esta verdade possa jamais ser posta em dúvida, quando observamos o universo numa noite limpa e escura, vendo então os inúmeros sóis aos quais damos o nome de estrelas, ao enviarem seus raios de luz para os espaços distantes. Contemplando a vastidão do universo e os milhões de estrelas conhecidas e documentadas, o pensamento natural ocorre à maioria de nós, de que tudo isso é de fato trabalho de Deus, e que foi criado para os Seus propósitos. Como pode o homem, contemplando as belezas dos céus, concluir que não há nenhuma mão dirigindo,

nenhuma Autoridade Suprema controlando e governando? E ainda, como poderá o homem acreditar que tôda essa multidão vasta e ordeira de mundos foi criada sem algum plano definido? Bem disse o Salmista:

“Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos.

“Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite.

“Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as vozes”. (Salmos 19:1-3).

Certamente não há, no mundo, nenhum lugar onde a evidência da glória e da grandeza do Pai Supremo e Eterno não tenha sido dada a conhecer aos habitantes, por intermédio dos céus organizados e magníficos.

PORQUE SÃO CRIADOS OS MUNDOS

Êsses vastos mundos, muitos dos quais são milhares de vezes maiores em circunferência do que o nosso Sol, certamente não foram criados apenas para demonstrar aos habitantes dêste mundo a glória de Deus; mas cada um, assim somos confiantemente levados a acreditar, é êle próprio centro e corpo governante de mundos numero-

sos, com sua vida abundante. Alexander Pope, em seu **ENSAIO SÔBRE O HOMEM**, declarou tal verdade em sua linguagem poética:

Êle que a vasta imensidão pesquisa,
Sistemas conjugados analisa
Que vê mundos sôbre mundos erigidos,
Planetas a outros sóis submetidos,
E sêres que povoam o astral sem fim,
Talvez nos diga porque o céu nos fêz assim.

Quando Pope escreveu estas linhas, não sabia que existiram, entre os homens mortais, alguns que penetraram pela vasta imensidão do espaço para ver “mundos sôbre mundos” e conhecer seus habitantes. Graças à misericórdia do Senhor, êste tem sido o caso. Quando o homem, fraca criatura, começa a tirar conclusões baseadas tão somente nas experiências às quais a nossa vida mortal é sujeita, deverá forçosamente errar. Se pudesse raciocinar, a baleia dentro do oceano diria que vida nenhuma pode existir fora das profundezas líquidas. Igualmente, o lagarto no seu deserto diria que criatura nenhuma pode viver a não ser nas areias esbraseadas. Fôssemos nós concluir que tôdas as criaturas dentro do vasto universo estão sujeitas às nossas leis terrestres, e seríamos tão tolos quanto a baleia e o lagarto.

O Senhor mostrou a Abraão os grandes corpos celestes. Êle os viu a se moverem em tôda sua majestade, e dentro da mais perfeita ordem, pelo espaço. Uns eram postos a governar, outros a obedecer; mas havia uma relação entre êles.

Abraão recebeu ensinamentos do mestre Divino, que lhe possibilitaram compreender os seus tempos e estações, e a finalidade de sua criação.

Posteriormente, o Senhor concedeu iguais instruções a Moisés, e disse-lhe:

“E criei mundos sem número, e também os criei para o Meu próprio intento; e por meio do Filho que é Meu Unigênito, Eu os criei.

“E Deus o Senhor falou a Moisés, e disse: os céus são muitos e são incontáveis para o homem; mas para Mim são contados porque êles Me pertencem.

“E assim como deixará de existir uma terra com seus céus, assim também aparecerão outras e não têm fim as Minhas obras, nem tampouco as Minhas palavras.

“Porque, eis que esta é a Minha obra e Minha glória: conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem”. (Moisés 1:33, 37-39).

A inferência desta escritura é de que o Senhor criou êsses mundos sem número a fim de nêles colocar seus filhos, onde pudessem obter eventualmente a imortalidade e a vida eterna, êste sendo o seu GRANDE trabalho e glória. Por tal verdade, é pois um êrro dizer que há apenas uma infinitésima fração do universo em condições de servir de abrigo ao homem. E tampouco é verdade que a vida não passe de um produto secundário do universo, pois foi dito na passagem da Seção 76, prèviamente citada, que os habitantes dêsses mundos inúmeros são filhos e filhas gerados por Deus.

(Continua no próx. mês)

EDITORIAL

(Continuação da pág. 108)

temos que agir de acôrdo com nosso juízo”. Aquê-
le que procurar aconselhar-se com Deus dêsse mo-
do, não recebe orientação divina, pois, não está
cumprindo o primeiro princípio do Evangelho —
que é a Fé. Os Santos dos Últimos Dias devem
evitar reunir-se em pequenos grupos, não importa
quão altruistas seus ideais possam ser, sem antes
consultar e obter aprovação de seu Presidente do
Ramo ou Distrito.

Se cada membro cumprir cem por cento seu
dever na Igreja, êle sentirá a constante companhia
do Espírito Santo e reconhecerá que o programa
da Igreja é realmente divino, e o desejo de sepa-
rar-se em grupo desaparecerá.

Não é vontade do Senhor que qualquer pes-
soa se levante e se declare revelador ou profeta,
ou que assuma atividades de vidente ou homem
inspirado para dar revelações para orientação da
Igreja, querendo ditar para as Autoridades Presi-
denciais da Igreja (Missão, Distrito ou Ramo) de
qualquer parte do mundo, muito menos onde o

Sacerdócio está organizado em grupos e quoruns.
É de direito que pessoas individuais sejam inspira-
das e recebam manifestações do Espírito Santo,
para sua própria orientação e para fortificar a
fé, para encorajá-lo em trabalhos justos e de re-
tidão, em fiel observância a todos os manda-
mentos do Senhor, mas somente para esta finali-
dade e nada mais. Do momento em que a pessoa
começar a elevar sua voz contra aquêles que têm
autoridade, estará em completa desarmonia com o
Espírito Santo, e se êle não se arrepender, fácil-
mente dará ouvidos ao Adversário e cairá em com-
pleta apostasia e sofrerá a excomunhão. Todos os
Santos devem ter cuidado para não admitirem tal
espírito. No momento que fôr tentado com tais
sentimentos, deve rejeitá-los, pois são antagonicos
diretos da Ordem do Sacerdócio e do Espírito e
gênio dêste grande trabalho.

É somente pelo Espírito de revelação que po-
demos saber com certeza que Jesus é o Cristo, que
Deus é nosso Pai Eterno e que esta Igreja é verda-
deira. Êsse mesmo espírito nos abençoa com doce
paz em nossos corações, quando estamos em har-
monia com a vontade do Senhor.

Graça de Verão

*História vencedora do concurso
anual de Contos da Sociedade
de Socorro.*

DEONE R. SUTHERLAND



Era um daqueles dias em que o quente sol do meio-dia se espalhava e tremulava diante de nós.

Embora as mangueiras trabalhassem durante todo o dia, as margaridas murchavam e a grama estava se queimando. As trepadeiras verdes avermelhavam-se em seus aparadores antes do tempo, e nós ficávamos sentados na nossa cansada macieira desprovida de qualquer brisa e sonhávamos com súbitas geadas e com longínquos Alpes onde a neve tremeluz sob nuvens refrescantes.

Almy e eu levantamos nossas cabeças. Descemos da árvore, eu em primeiro lugar para guiar os passos de Almy. Através da porta de tela podíamos observar mamãe andando para cá e para lá na cosinha.

Marjorie saiu da porta dos fundos enxugando a testa. “Ela estava fazendo um bôlo!”.

“Um bôlo enfeitado”, suspiramos. Mas Marjorie fôra sentar-se na adega de maçãs. Lá estava fresco, porém, Almy não gostava das aranhas. Além disso, Marjorie tinha um livro, e se nós brincássemos com a prensa de cidra ou se fizéssemos barulho iria dar confusão. Nós nos agachamos na sombra da casa. Um bôlo enfeitado erguia-se em 4 gloriosas camadas, com o doce creme de rechêio aninhando-se entre cada camada branca.

Eu olhei para Almy com carinho. Suas bochechas redondas e queimadas de sol e sua boquinhinha rosada pareciam felizes enquanto ela preparava seu próprio bolinho de barro e o cobria com areia branca.

“Maud!”. Foi a voz de mamãe que nos levou correndo ao portãozinho dos fundos. Na cosinha

estava o esplendoroso bôlo enfeitado em cima do prato de bôlo com fôlhas prateadas em redor da cobertura.

Mamãe estava muito ocupada recortando papel de cêra e arrumando os palitos.

“Será que poderei confiar em vocês para levarem isto delicadamente e com cuidado à Sra. Fanshawe? Ela está doente e tem nove filhinhos”.

Foi com muita relutância que dissemos adeus ao bôlo enfeitado. Os lábios de Almy caíram. Suas sombrancelhas escuras baixaram ameaçadoramente, porém, mamãe nem percebeu. Ela estava ocupada trocando o avental por um mais limpinho e endireitando os cabelos macios que haviam-lhe caído sôbre o rosto. O beijo de mamãe em meu rosto foi rápido e carinhoso. Ela ergueu Almy também para dar-lhe um beijo e um abraço, apesar de todo o seu pêso.

“Tome cuidado com Almy”, disse-me mamãe confidencialmente.

Eu confirmei com a cabeça. Quando a gente está com a mamãe, nunca se preocupa em dar todos os bôlos do mundo. Sômente mais tarde, quando estávamos andando pela estrada poeirenta e o bôlo rescendia em nossas mãos é que ficamos preocupadas. Almy pedia para passar o dedinho nas beiradas. “Eles não notarão”, procurava eu acalmar minha consciência embora as mãos de Almy estivessem sujas com a marca do seu bolinho.

Preocupava-nos mais subir a ladeira com as crianças descalças da Sra. Fanshawe a pular ao nosso redor com os olhos famintos sôbre aquêlo

(Continua na pág. 130)



2ª CONFERÊNCIA dos JOVENS

Inspirados neste tema, os jovens SUD da Missão Brasileira do Sul, reuniram-se em Pôrto Alegre, R.G.S., para realizarem a II Conferência, no período de 16 a 20 de janeiro de 1961.

Iniciando os trabalhos de abertura, o Presidente da Missão, Asael T. Sorensen, em seu nome e no de Sister Sorensen, dentre outros, proferiu as seguintes palavras:

“Saudamo-vos, jovens da Missão Brasileira do Sul. Quer mos extender-vos um caloroso “BEM-VINDOS” à segunda conferência anual dos jovens, onde vos reunis para:

“DEIXAR A VOSSA LUZ BRILHAR”

“Chegai a esta Conferência com corações cheios de alegria e um profundo desejo de receber a mensagem que esperamos, dar-vos-á esperança e coragem para viver uma vida exemplar.

Esta é a vossa oportunidade de tirar o chapéu aos do passado, que foram antes de vós... e arregaçar as mangas ao futuro, com um grande desejo e expectativa”.

Sister Ida Sorensen que tanto trabalhou para organizar esta festa maravilhosa, não pôde compartilhar do resultado do seu esforço, pois edoeceu e ficou impossibilitada de viajar a Pôrto Alegre. Mas por meio de seu representante, ela enviou aos jovens, o seu afetuoso abraço, e a mensagem maternal e transbordante de amor.

A todos os participantes de qualquer atividade, foram distribuídos certificados, num total de cento e dezenove. Isso basta para demonstrar o entusiasmo de nossa juventude.

Aos vencedores das diversas provas e concursos, couberam belos prêmios.

O Ramo de Londrina, Estado do Paraná, foi galardoado com os troféus de Disciplina e do melhor Show. Os troféus de reconhecimento individual foram conquistados pelo irmão Waldomiro Menezes do Ramo de Londrina e pela irmã Leny Bellanca do 3.º Ramo de Pôrto Alegre. O irmão Roberto Ebelt do 1.º Ramo de Pôrto Alegre, conquistou com galhardia o troféu de Conhecimento do Evangelho. O irmão Ezio Luz, de Florianópolis e a irmã Lorete Silva de Curitiba conquistaram os troféus do concurso de oratória. A medalha para o melhor trio ou quarteto, foi conquistado pelo Ramo de Canoas, R.G.S.

No setor esportivo, coube ao Ramo de Ponta Grossa conquistar o título de campeão de futebol de salão. Os jovens de Curitiba foram os vencedores dos torneios de voleibol masculino e feminino, bem como dos títulos de basquetebol masculino. Na corrida de 50 metros para menores de 15 anos foram vencedores o irmão João Carlos Admas e a irmã Maria Antonieta, de Pôrto Alegre e Ponta Grossa, respectivamente. Os primeiros a atingirem a marca dos 100 metros foram Santo José Fernandes e Rosemary Aidukaitis, de Pôrto Alegre. A prova masculina de 200 metros venceu-a Santo José Fernandes. Os 1.500 metros foram conquistados pelo irmão Wilson Lima, de Curitiba, e os jovens de Pôrto Alegre venceram os 4 x 400, sendo os 4 x 100 obtidos pelas moças de Curitiba.

Os irmãos Bernardino Plácido da Silva, Elder Nelson Ralph Read, Leny Bellanca, Rosita Moeller e Irma Felber, foram contemplados com Certificados Especiais.

A programação avançou de sucesso em sucesso, até atingir o seu pináculo com o Baile de Encerramento e a Reunião de Testemunhos.

O Baile foi realizado num iate que ancorou

(Continua na pág. 134)



*"Deixa a Tua
Luz Brilhar"*



ULAS

BAILE *

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

ENSINAI UNS AOS OUTROS

Foi inquirido uma vez do Professor Einstein o seguinte: “Existe qualquer esperança para este mundo — considerando-se as bombas atômicas, os aviões a jato e o mundo inteiro capaz de destruir-se?” Sua resposta foi: “Sim, produzindo-se pessoas melhores!”.

Para produzir pessoas melhores, toda sociedade atual espera que cada indivíduo faça algum tipo de trabalho útil. Alguns escolhem o trabalho do magistério e dedicam-se a tal serviço como profissão para a vida. No entanto, se pretendemos produzir pessoas melhores, muitos milhares de homens e mulheres devem ser chamados como professores voluntários para auxiliar no enorme exercício requerido pelas Auxiliares da Igreja.

De Doutrina e Convênios nos vem esta admoestação: “E vos dou o mandamento de que vos ensineis... uns aos outros”.

“Ensinai diligentemente e a Minha graça vos atenderá...” (D. & C. 88:77-78). Além de nos ensinar liderança, um cargo de professor ainda nos fornece ótima oportunidade para auto-desenvolvimento, pois é freqüente se ouvir que aquele que ensina aproveita mais de seu trabalho do que qualquer outro! Ganha não apenas conhecimento ilimitado, mas a posição ainda lhe oferece oportunidade de desenvolver novas amizades, se interessar por pessoas e suas causas proveitosas, fazendo o que pode em seu delimitado campo de ação para ajudar outras pessoas. Desde a antiguidade existe o princípio de que ganhamos da vida apenas aquilo que livremente lhe contribuímos. Se pudermos viver, trabalhar e pensar diariamente, em termos do serviço que rendemos e do bem que fazemos, seguramente conseguiremos manter nossos corações e espíritos fortes.

Para alguns dos que são chamados pela Igreja para ensinar, o conhecimento representa poder; mas, o que é o conhecimento sem o coração, a inteligência sem a boa conduta, a agudeza extrema sem uma benignidade de caráter? O bom professor dá a seus alunos uma impressão de completa honestidade e sinceridade, pois, é o tipo de homem que representa a esperança da sociedade, como dá a entender o Professor Einstein, porque chega a ser o poder motivador pelo qual a sociedade pensa.

Como professores da Igreja, temos a obrigação de sempre ser intelectualmente honestos para com nossos alunos, enquanto nos conservamos ao mesmo tempo calmos, amigáveis e com controle absoluto de nossas emoções... Poderemos nós,

como professores, nos decidirmos a ser um pouco mais gentis? Quantos não perdemos a calma? É dito que pode existir desculpa para o se zangar — e muito — mas nunca há desculpa para se perder a calma. William Fleming French escreveu o seguinte a respeito do assunto: “Alguns acham que é uma virtude perder a calma — se impanar e entrar em batalha... Mas não há virtude na fúria — nem qualquer lucro nela. Um temperamento irrestrito nunca pode representar qualquer vantagem. É sempre uma perda — uma fraqueza”. Seu conselho foi, “Aprender-se a ficar firme e sorrir quando se quer esbravejar. Você ficará surpreendido com a confiança própria que adquirirá e as vitórias que obterá”.

Temos para com nossos alunos a obrigação de quando lhes designarmos responsabilidades, seguirmos em seu encalço, a fim de ajudá-los a executar bem sua tarefa... Temos a obrigação de lhes sermos como exemplos dos quais possam sentir orgulho... Nós, como professores temos o dever de um extremo cuidado naquilo que dizemos, para não afastar nenhuma alma da Igreja e do aprendizado... Nós como professores temos a obrigação de servirmos fervorosamente e prepararmos com inteireza os que nos estão confiados.

Em média, aqueles que aceitam a incumbência de ensinar nem sempre são peritos naquele campo, nem tiveram preparo ou treinamento prévios. O professor que está interessado em sua designação, que ama aqueles que vêm a ele para receber orientação, que está preparado tão bem quanto pode estar, e que despense seu tempo para que outros se possam beneficiar, será abençoado pelo Senhor, pois, está ensinando, como Jesus o fez, as leis e os mandamentos de Deus.

Sim, ensinar é um grande desafio — o maior desafio que o homem recebe! Disse o Presidente Heber J. Grant em um de seus discursos: “...daquêles aos quais muito é dado, muito é exigido. Enquanto crescemos em conhecimento e testemunho do Espírito de Deus, devemos também crescer e aumentar em obra e esforço para o avanço do trabalho de Deus ou perderemos o Seu Espírito. Não é um conhecimento de que Deus vive que nos salvará: é o guardarmos seus mandamentos”. A admoestação contida em Doutrina e Convênios concita a todos aqueles que servem nessa nobre profissão: “E vos dou o mandamento de que vos ensineis... uns aos outros.

“Ensinai diligentemente, e a Minha graça vos atenderá...”.

Cultive a Modéstia

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 5

Preparado como suplemento à mensagem dos Mestres Visitantes de Maio de 1961.

No maior sermão jamais proferido, Jesus con-
citou seus ouvintes a serem perfeitos "...como é
perfeito o vosso Pai que está nos céus". (Mat. 5:
48). A nós isso parece (como deve ter parecido
aos contemporâneos de Cristo) impossível, ilusó-
rio e além de nosso alcance — até mesmo de nos-
sa compreensão. No entanto, êsse deve ser o obje-
tivo de todo Santo dos Últimos Dias. Devemos bus-
car e cultivar os atributos os quais nos ajudarão a
obtê-lo.

A Modéstia é um atributo.

Para a maioria de nós, "modéstia" represen-
ta abstenção de mediocridade, aberração e vulga-
ridade no falar, trajar e agir. Os dicionários são
um pouco mais livres em sua definição, chama-
ndo-a de "ausência de vaidade, arrogância ou pre-
sunção". Mas a modéstia não é tanto a ausência
ou abstenção de certas coisas como é uma expres-
são de características positivas, tais como sabedo-
ria, sinceridade, humildade e bom-gosto.

A modéstia pode ser recomendada por duas
razões: (1.ª) É em si mesma uma virtude. As he-
roínas de muitas das nossas novelas favoritas são
retratadas como sendo "decorosamente modestas".
E isso é muito justo, pois a modéstia é decorosa,
e tão apropriada a um homem quanto a uma mu-
lher. (2.ª) A falta de modéstia pode conduzir a
pecados muito sérios, dos quais a embriaguês e a
imoralidade são talvez os mais freqüentes, porém,
apenas dois dentre muitos outros. A ausência de
modéstia pode também acarretar situações dese-
legantes e embaraçosas.

Naquela mesma palestra já referida, o Senhor
descreveu as pessoas que eram particularmente
abençoadas. Mencionou os pobres de espírito, os
pacificadores, os que sofrem perseguição por cau-
sa da justiça, os que têm fome e sede de justi-
ça... e os limpos de coração. Estariam êsses as-
sim descritos, dispostos a sacrificar o valores eter-
nos por prazeres temporais? São as suas virtu-
des compatíveis em qualquer alcance com a imo-
déstia, a vulgaridade ou a vaidade?

Com tanto a ser dito em favor da modéstia,
porque é que alguns ainda hesitam em adotá-la?
A primeira resposta que usualmente se ouve é
"pressão social". Essas pressões existem, na ver-
dade, mas quando elas impelem as pessoas a rebai-
xar seus ideais, a sociedade e não os padrões de-
vem ser reexaminados. Pessoas que são realmen-
te cultas, gentis e sofisticadas — no sentido refi-
nado da palavra — respeitam e honram aqueles
que vivem suas crenças, ainda que não abracem
as mesmas em todos os aspectos.

São usualmente mencionados os "ditames da
moda". Mas os Santos dos Últimos Dias são um
povo livre, e não reconhecem nenhum ditador —
particularmente um ditador tão superficial e capri-
choso como a moda. Pois modas são transitórias,
coisas de momento... o que hoje é "chic" pode ser
amanhã considerado de mau gosto. O evangelho,
contudo, não muda; a verdade de hoje é a de on-
tem e a de amanhã. Aqui, no cômputo eterno das
coisas, a modéstia, a gentileza e a virtude nunca
estarão "fora de moda".

JÓIAS DO PENSAMENTO

(Continuação da pág. 107)

O Senhor especificou um determina-
do reino, não muitos reinos ou qual-
quer reino, mas somente o reino de
Deus... O dever, portanto, de todo
homem, é o de buscar com fé, diligente
e sinceramente, até encontrar o reino de
Deus, e depois prestar obediência com-
pleta a todos os seus requisitos.

A IGREJA NO MUNDO

(Continuação da pág. 107)

Montevideo, Uruguai, com a possibilidade de uma matriz secundá-
ria a ser localizada em outra região. Disse êle que seus auxiliares
mudar-se-ão imediatamente, se estabelecendo em escritórios, a fim
de fazer preparativos para o grande programa de construção já
traçado.

Samuel Borem, da Argentina, agora residente em Mesa, Ari-
zona, foi designado tesoureiro do programa de construção na Amé-
rica do Sul.

Seu Ramo

CONCURSO DE CANTO



Itamar Guimarães, do Ramo de Vila Mariana, recebendo um troféu.



O Conjunto vencedor, de Pinheiros, quando recebia seu prêmio das mãos do Pres. Bangarter.

A alegria era geral. Esses mórmons são notáveis... Alguém comentou. E realmente o são.

A Presidência do Distrito de São Paulo havia convocado uma conferência para o dia 12 de fevereiro. No sábado, dia 11, a atividade era geral na capela da praça Itália. Os preparativos intensos, enquanto a ornamentação do palco, limpeza da sala, arrumação das cadeiras, ensaios, etc., se iam processando. Que iria acontecer? Tudo indicava que o acontecimento era um concurso de conjuntos musicais dos vários ramos.

Organizado e dirigido pelo já famoso diretor das grandes festas da A.M.M. do Distrito. Pedro Lapiccirela, tendo como colaborador e cenarista o incansável irmão Canarin, peão do Senhor, vindo dos pagos do sul, o espetáculo transcorreu assim: Estava na hora da festa. Quem iria ganhar o troféu?... A atividade no interior da capela era enorme. Os primeiros sabiás, rouxinóis e até mesmo tico-ticos já haviam chegado, faltando ainda alguns.

O diretor Pedro, impaciente e nervoso, levava as mãos à cabeça como querendo arrancar dali os últimos

cabelos existentes... Num caso dêsse quem leva a culpa é sempre o cabelo, pagando o pato.

Finalmente chegou a hora da apresentação. Lá estava o Ramo de Vila Mariana, com seu conjunto de Pastôras, o alegre Itamar cantando granada; até mesmo Brenda Lee sobressaiu-se com sua Jambalaia. O Ramo do Centro brilhou com o número das irmãs Miras Lopes, a baiana Maria Sagula, Renato Bruno com seu número interessantíssimo e outras. Santo André foi muito bem representado pela irmã Rita Almeida e seu pai. Santos brilhou num bem ensaiado e harmonioso conjunto, e pela Penha, o casal Silveira esteve além das expectativas. As dublagens apresentadas por diversos ramos ficaram a contento de todos. Aos olhos atônitos da platéia que ultrapassava os limites da sala da A.M.M., o Ramo de Pinheiros apresentou um conjunto sensacional, sendo contada a história de um casal de namorados, o Bastião e a Quitéria, do Ceará, que namoravam numa rede, embaixo do pé de jatobá. O momento culminante foi quando a junta julgadora, pela contagem de pontos, deu ganho o concurso para o conjunto de Pinheiros.

A entrega do troféu foi feita pelo Presidente Bangarter.

UMA LUZ NAS TREVAS

(Continuação da pág. 111)

se tornaram fator preponderante de obscurantismo espiritual e opressão política.

A situação permaneceu assim até a Renascença, quando revoltados com os abusos provocados pela Igreja Romana, diversos homens levantaram-se contra ela, e desafiaram seu poder. Foi a grande época dos Reformadores que principiou com John Wycliff e Luiz de Baviera no século XIV, progrediu com João Huss no século XV, e culminou explosivamente no século XVI, com o famoso monge de Witemberg, Martinho Lutero. Nomes como

os de Melanchton, Zwingl, Calvino, Henrique VIII, Knox, Gustavo Vass e outros, tampouco poderão ser olvidados, e de uma certa forma podemos dizer que foram todos campeões da liberdade e precursores da Restauração. Mas por mais que os admiremos, e por melhor intencionados que tivessem sido, temos que reconhecer algo; que todos incorreram no mesmo êrro, pecaram pela mesma falha e essa foi o não haverem tentado reatar o elo que se havia partido, o elo de comunicação que liga o homem a Deus. e não buscarem o que se havia perdido, aquele poder que Cristo havia conferido aos Apóstolos, o poder que dá direito a seu possuidor de receber guia e orienta-

ção dos céus, o poder através do qual Deus se revela, o poder do Sacerdócio, êsse poder que por séculos não viria ainda aos homens. E da mesma forma que um galho vivo não brota de uma árvore morta, não poderia brotar também o Evangelho vivo de uma Igreja Morta, e assim, não encontrando a “luz” almejada, novas divisões se fizeram sentir, e as disputas teológicas aumentaram grandemente, buscando desesperada e inútilmente dar a seus fiéis o que no íntimo sentiam não possuir. Chega o século XVIII e com êle maior zêlo e fervor religioso, sendo que não poucos, em busca de novos horizontes, em busca de liberdade religiosa, abandonam pátria, lar, amigos, parentes e riquezas, e atravessam oceanos e mares, buscando sempre, porém não encontrando aquilo que sentiam dentro de si a os impelir para frente. Realmente, sem mêdo de errar, podemos dizer que as condições reinantes no mundo, naquela época, muito se assemelhavam às que o profeta Amós previu, quando disse: “Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeovah, em que enviarei fome sôbre a terra, não fome de pão, nem sêde de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. E irão vagabundos de um mar até outro mar, e do norte até o oriente: correrão por tôda a parte, buscando a Palavra do Senhor, e não a acharão. (IX).

E assim é que já quase em nossos dias podemos ver pessoas em busca da verdade, percorrendo algumas centenas de Igrejas.

È nessa época, em pleno século XIX que vamos encontrar, próximo à cidade de Manchester, condado de Ontário, no Estado de Nova Iorque, um rapaz humildemente ajoelhado, orando no interior de um bosque.

Chama-se Joseph Smith Jr. e até aquêle momento em que se ajoelhou no bosque tinha sido um rapaz como tantos outros da mesma época. Viera para Manchester há cêrca de dois anos. Recordava-se muito bem da agitação anormal sôbre questões religiosas que tinha lugar em Manchester e que agora sacudia tôda a região. Havia começado com os Metodistas mas logo se generalizou entre tôdas as seitas daquela região do país, e grandes multidões se uniram aos diferentes partidos religiosos, criando não pequeno tumulto e dissensão entre o povo, clamando alguns “Eis aqui a verdade” e outros “Eis ali a verdade”, sendo que em pouco tempo verificou-se grande confusão; ministros disputando com ministros, conversos com conversos, numa grande luta de palavras e choques de opinião. Joseph, durante êsse tempo de grande exaltação, se viu sujeito a sérias reflexões e grande inquietação, mas embora seus sentimentos fôssem profundos e muitas vêzes penetrantes, ainda assim conservou-se afastado de todos êsses partidos, embora assistindo a suas di-

versas reuniões, sempre que disso tivesse oportunidade. Joseph sentia o desejo de unir-se a uma Igreja, mas isso apenas não lhe bastava, queria unir-se à Igreja que fôsse verdadeira. Sua pergunta era, qual a Igreja verdadeira? Como posso saber qual de todos êstes partidos é o verdadeiro?

Enquanto meditava sôbre as extremas dificuldades causadas pelas lutas dêsses partidos religiosos, leu um dia na Epístola de Tiago, capítulo primeiro, versículo quinto, o seguinte “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não lança em rosto, e ser-lhe-á dada”. Nunca uma passagem das escrituras veio com mais fôrça ao coração de um homem que esta ao coração de Joseph. Refletiu diversas vêzes sôbre ela, resolvendo finalmente “pedir a Deus” uma resposta a seu problema, concluindo que, se Êle dava sabedoria aos que dela necessitassem, êle podia aventurar-se. E é assim que vamos encontrar Joseph Smith orando no bosque. Mas deixemos que êle narre com suas próprias palavras o que sucedeu a seguir.

“Depois de haver-me retirado para o lugar que havia escolhido prèviamente, tendo olhado em meu derredor, e encontrando-me só, ajoelhei-me e comecei a oferecer os desejos de meu coração a Deus. Apenas fizera isto, quando fui súbitamente subjugado por uma fôrça que me dominou inteiramente, e seu poder sôbre mim era tão assombroso que me travou a língua de modo que não pude falar. Intensa escuridão envolveu-me, e pareceu-me por algum tempo que estivesse destinado a uma destruição repentina. Mas, empregando tôdas as minhas fôrças para pedir a Deus que me livrasse do poder dêsse inimigo que me tinha subjugado, e no momento exato em que estava prestes a cair em desespero, abandonando-me à destruição, não a uma ruína imaginária, mas ao poder de algum ser real do mundo invisível, que tinha tão maravilhoso poder como jamais havia sentido em nenhum ser — justamente nêsse momento de grande alarma, vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao sol, que descia gradualmente até cair sôbre mim. Logo após êsse aparecimento, senti-me livre do inimigo que me havia sujeitado. Quando a luz pousou sôbre mim, vi dois Personagens cujo esplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé acima de mim, no ar. Um dêles falou-me chamando-me pelo nome, e disse apontando para o outro: “Êste é o Meu Filho Amado. Ouvi-O”. Meu objetivo em ir pedir ao Senhor foi para saber qual de tôdas as seitas era a verdadeira, a fim de saber a qual unir-me. Portanto, tão logo voltei a mim o suficiente para poder falar, perguntei aos Personagens que estavam na luz, acima de mim, qual de tôdas as seitas era a verdadeira, e a qual deveria me unir. Foi-me respon-

didado que eu não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas, e o Personagem que se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à Sua Vista; que todos aqueles mestres eram corruptos; que: “Êles se chegam a Mim com os seus lábios, porém seus corações estão longe de mim; êles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela”. Também proibiu que me unisse a qualquer delas; e muitas outras coisas me disse que não posso no momento escrever”. (X)

Joseph Smith, o profeta que abriu esta dispensação, que trouxe ao mundo, de volta, aquilo que se havia perdido, semelhantemente aos profetas da antiguidade selou seu testemunho com o próprio sangue. No curto espaço de vinte anos, recebeu mais de uma centena de revelações, que hoje fazem parte do livro de Doutrina e Convênios, restaurou o Sacerdócio, a autoridade para agir em Nome de Deus, e estabeleceu completamente Sua Igreja, que hoje como nos tempos primitivos é dirigida e guiada através de Apóstolos e Profetas que recebem Revelações para a Igreja.

Centenas de milhares de pessoas, que em toda parte do mundo investigaram a história da vida do Profeta Joseph Smith, a restauração do meio de comunicação direta entre Deus e o homem, e o estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, crêem que realmente Joseph Smith foi um profeta verdadeiro de Deus, e que êle restaurou a Igreja e as revelações tão necessárias hoje em dia como no passado.

Concernente a êste assunto, gostaria, para finalizar, de expressar o testemunho de um dos maiores profetas que nasceu neste hemisfério, o Profeta Moroni.

“E novamente me dirijo aqueles que negarem as revelações de Deus, dizendo que elas já têm passado, e que não há revelação, nem profecias. . . Eis que vos digo que aquele que nega essas coisas não conhece o evangelho de Cristo; sim, não leu as escrituras; e se as leu não as compreendeu. Pois não lemos que Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre, e n'Ele não há nem mudança, nem sequer sombra de transformação? E agora, se tiverdes imaginado convosco um Deus que varia e

no Qual há qualquer sombra de transformação, então imaginastes um Deus que não é um Deus de milagres. Mas eis que vos mostrarei um Deus de milagres, tal como o Deus de Abraão, o Deus de Jacó, o Deus de Isac, e será aquele mesmo Deus que criou os céus e a terra e todas as coisas que neles há. E, se houve milagres, porque deixou Deus de ser um Deus de milagres, sendo, contudo, um Ser Imutável? E eis que vos digo que Êle não mudou, e se mudasse, deixaria de ser Deus; mas Êle não deixa de ser Deus, e é um Deus de milagres.

“E o motivo porque Êle cessa de fazer milagres entre os filhos dos homens, é porque êstes degeneraram em descrença e saem do bom caminho e desconhecem o Deus em Quem deveriam confiar. Eis que vos digo que todo aquele que crer em Cristo sinceramente, tudo quanto em nome de Cristo pedir ao Pai, lhe será concedido, e essa promessa é feita para todos, até os extremos da terra. Assim, pois, não desprezeis e não vos assombréis, mas atentai nas palavras do Senhor e pedi ao Pai em nome de Jesus tudo quanto necessitardes. Não duvideis, mas acreditai e principiai, como antigamente, chegando-vos ao Senhor com toda a vossa alma, preparando vossa própria salvação com temor e tremor perante Êle.” (XI)

REFERÊNCIAS

- I — Eph. 4:11-13.
- II — Abraão 3:23.
- III — Jer. 1:4-5.
- IV — Amós 3:7.
- V — Mat. 16:13-18.
Apoc. 19:10.
- VI — Eph. 2:20.
- VII — Mat. 24:9-12.
II Tess. 2:1-11.
- VIII — Eph. 4:11-14.
- IX — Amós 8:11-12.
- X — J. Smith 2:14-21.
- XI — Morm. 9:7-11 19-21 e 27

CUIDADO DO LAR

(Continuação da pág. 115)

competência e aprendem a fazer com originalidade as coisas mais triviais.

Votos de louvor têm sido tributados às dedicadas donas de casa através dos anos. Uma sábia economia é sempre recomendável. O desperdício é pecaminoso, quer seja de tempo, dinheiro, mantimentos ou roupas. “Quem economisa tempo, o tem quando precisa”. Eis um adágio cuja men-

sagem vem sendo ensinada tanto por profetas e filósofos quanto por economistas. Prudência e controle da renda familiar tem muito que ver com a felicidade da família. “Num lar bem organizado, podemos experimentar um pedaço do céu”. (Presidente David O. McKay). O lar bem formado é limpo, cuidado, e mostra a todo instante, o amoroso esforço daqueles que dêle cuidam.

O Senhor disse: “E sejam todas as coisas feitas com limpeza diante de Mim”. D. & C. 42:

41). Não se pode imaginar um lar que forneça um “pedacinho do céu” que não seja limpo. A excelência dos céus e a beleza dentro deles são um molde para os lares aqui na terra. Confusão e desordem são influências desastrosas que podem ser destruidoras da harmonia familiar. O espírito do Senhor não pode habitar onde habitam a falta de asseio e a confusão. A habilidade de costurar eficientemente deve ser cultivada. Há muitas peças de roupa, vestuários de criança e peças de uso doméstico, cuja “beleza é a beleza da obra de tuas próprias mãos”, e cuja confecção pode determinar economia substancial. O lar será mais atraente para todos os membros, se a mãe for uma boa cozinheira. É preciso examinar e verificar realisticamente o efeito do bom cuidado sobre a vida da família. É dever da mulher fornecer orientação adequada ao progresso e felicidade dos membros da família. Se em todo respeito os lares forem corretos, tanto nas coisas físicas como nas espirituais e culturais, eles serão o maior e mais simples estabilizador do indivíduo. O lar é o suporte para os revezes do mundo, a fonte da verdadeira felicidade e o refúgio da justiça.

É responsabilidade da Sociedade de Socorro expor diante das mulheres da Igreja o seu lugar

básico no lar, e ajudá-las a compreenderem o chamado e o privilégio de ser mulher.

Fundamental ao desenvolvimento das mulheres finas, elegantes e espirituais é um reconhecimento do mais nobre nome — ESPÓSA E MÃE.

A Sociedade de Socorro deve ensinar a multiplicidade de habilidades exigidas para uma vida familiar mais bela e mais alegre nesta fase da vida eterna, para a qual a mulher contribui naquilo que está designada para dar.

A reunião de trabalhos se envolve num brilho de importância, quando seus propósitos são julgados à luz daquilo que o ensinamento pode significar para auxiliar as irmãs a alcançarem esse fim.

Não sejamos como os homens que o profeta lamentou, sendo “sábios demais para serem ensinados”, recusando-nos a ver que o trabalho — serviço de casa, costura e todos os afazeres domésticos — são parte da elevação do reino. Que uma atitude renovada e positiva com fito na glória das famílias felizes e bem cuidadas nos guie à procura de habilidade na arte da manutenção do lar. Que um lar bem ordenado, bem governado, seja a alegria de cada mulher da Igreja, porque o Senhor disse que é assim.

... DAVID O. MCKAY

(Continuação da pág. 114)

Ele é mais vigoroso que a maioria dos homens com metade da sua idade, e seu apêto de mão é como o “agarrão” de um fazendeiro. Em sua conduta para com os outros o líder mórmon nunca permite transparecer irritação ou mau gênio, e sua dedicada secretária de 25 anos, Clara Middenriss, descreve-o como inflexível. “Uma vez disposto, é difícil dissuadí-lo”, confessa ela, mas acrescenta ainda, “Eu nunca o vi expressar raiva, ainda que sob pressão”.

Se a força de sua palavra e a simplicidade de seu pensamento fizeram-no um dos maiores pregadores mórmons, seu perspicaz sangue escocês o torna um destacado homem de negócios. Ele insiste em que a Igreja obtenha o valor exato de cada centavo que dispense.

Para o templo mórmon de Berna, Suíça, os arquitetos vieram com planos para um prédio que custaria seiscentos e cinquenta mil dólares. McKay encaminhou-os cuidadosamente e então anunciou. “Espero que projetem um prédio igualmente belo e cômodo por 350 mil dólares”.

Com muitos resmungos, os arquitetos voltaram às suas pranchetas, apontaram os lápis, e acharam que podiam levar a cabo a encomenda. Embora sua família e seus assistentes procurem escudá-lo, sua porta está sempre aberta a qualquer mórmon, não importa quão humilde seja.

Uma vez ele estava para encerrar a noite,

quando uma mulher em prantos apareceu à sua porta. Ele escutou-a comovidamente enquanto ela soluçava a história de um problema conjugal. Depois telefonou ao seu marido. “Este é o Presidente McKay”, disse ele. “Pode dar um pulo até aqui em casa?” O assombrado marido apressou-se em ir à casa do profeta, onde McKay ficou até depois da meia-noite resolvendo a alteração.

De outra feita, viajando pela Inglaterra em uma ocupadíssima escala, ele casualmente ouviu seu filho Llewelyn mandar embora uma pequenina vestida de azul que desejava um autógrafo do profeta. McKay acenou-lhe chamando-a a seu lado. “Meu filho, disse ele, nunca magoe uma criança. Nunca subestime o seu sentimento”.

Ele voltou-se para assinar o autógrafo, mas a menina desapontada já havia desaparecido. Duas dúzias de missionários foram mandados para esquadrihar a multidão atrás de uma menina de vestido azul. Mas ela não pôde ser encontrada.

No dia seguinte, a criança e o incidente ainda permaneciam gravados na mente de McKay. Ele solicitou à presidência da Missão Britânica que a encontrasse e trouxesse o seu livro de autógrafos. Ele não se satisfaz enquanto o autógrafo não foi assinado dias depois.

David O. McKay vem liderando os mórmons por nove frutíferos anos. A esperança dos membros é que ele permaneça no seu escritório repleto de livros, atrás do birô coberto que uma vez pertenceu a Brigham Young, por um tempo sete vezes maior.

NÓS EDIFICAREMOS

(Continuação da pág. 113)

Sul, e assim abandona os negócios, o lar e sua terra, vindo à América do Sul a fim de trabalhar com o comitê de construção e dirigir a obra do Reino aqui.

Este é o Espírito

Eu estava morando na Califórnia, e empenhado em negócios também. Tinha um trabalho preparado para meus dois filhos, e estávamos nos esforçando para que não precisássemos trabalhar muito mais. Mas certo dia o telefone tocou e o Presidente McKay disse, “Queremos que você deixe os negócios e abandone tudo o que agora está fazendo, a fim de dedicar todo o seu tempo à Igreja”. Eu não respondi ao Presidente McKay desta maneira, “Ei, espere aí, Presidente. Eu tenho um montão de coisas para fazer em questões particulares”. Isto ocorreu em Julho, e eu respondi, “Quando esperam que eu esteja em Salt Lake City?”. E ele respondeu, “Amanhã”. Assim sendo, deixei meus negócios e cheguei a Salt Lake no dia seguinte, quando o Presidente McKay me disse, “Nós desejamos muito que você dirija o Programa de Construção da Igreja”. E aquela foi o término de meus negócios particulares. Meus filhos ficaram entregues a si mesmos, e estão agora empenhados em fazerem-se na vida, enquanto a mamãe e o papai viajam por todo o mundo ajudando no grande programa de construção do Reino.

É este o espírito que animava o Presidente e a Sister Sorensen quando deixaram esta missão após serem desobrigados, voltando ao lar. Quando supunham retornar aos negócios da família, foram chamados para retornar e dirigir a Igreja em uma das Missões da América do Sul.

Nós Aguardaremos

Certo dia fui chamado à estaca do Presidente Bangerter, para falar diante do Sacerdócio, e nas Reuniões Sacramentais, a fim de relatar o programa dos Missionários de Trabalho da Igreja. Sendo o Presidente Bangerter um construtor, eu tinha em mente entusiasamá-lo com o programa de trabalho naquele dia, e então chamá-lo para integrar nossas fileiras imediatamente. Dirigi-me à Primeira Presidência e disse, “Presidente McKay, desejo que o Irmão Bangerter seja chamado ao Programa Missionário de Trabalho, a fim de assistir-nos nas construções”. Ele então replicou, “Não, não, você está atrasado, nós o apanhamos primeiro”. Mas nós ainda estamos esperando e estaremos até que ele retorne. E eis que *este*, é o espírito desta grande Igreja!

Ajudar na Edificação do Reino

Quando o Senhor falou ao Profeta Joseph Smith e ele, ainda um menino dobrou os joelhos no bosque, abrindo o coração a pedir ao Senhor que lhe revelasse a verdade; e Deus o Pai e Deus o Filho apareceram ao Profeta Joseph Smith dizendo-lhe que não se afiliasse a Igreja alguma, pois a Igreja seria restaurada e *ele* seria o Profeta a quem e por intermédio de quem a Igreja seria restaurada; naquela hora, Joseph Smith não contestou, “Espere aí, Senhor, espere aí. Eu queria apenas saber a qual Igreja me ligar. Não quero que ponham nenhuma responsabilidade sobre mim. Agora, Senhor, que conheço qual Igreja será, veja que outro qualquer faça o trabalho, e eu apenas me juntarei seguindo avante”.

Não é esse o espírito da Igreja, nem o espírito do Reino de Deus. Depois de termos recebido o Dom do Espírito Santo, conhecendo que esta é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, teremos então recebido o testemunho da verdade, e deveremos fazer as mesmas coisas que Joseph Smith fez. Precisamos tomar a carga e passar a vida toda construindo o Reino!

O Caminho é Fornecido

A Igreja do Senhor ensina os homens todos que a ela se juntam a progredir e crescer, provendo os meios pelos quais toda a humanidade que crê possa obter o mesmo. E o Senhor nada nos pede que façamos a menos que prepare o caminho pelo qual possamos realizar tais coisas como seus representantes sobre a terra. Se o Senhor deseja que eu passe minha vida trabalhando nesta Igreja, viajando pelo mundo e construindo o Reino, então Ele precisa se preocupar comigo, pois prometeu assim fazer se eu guardasse seus mandamentos, na escritura que diz, “Eu, o Senhor estou obrigado quando fazeis o que Eu vos digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma”. E eu sei dentro de meu coração, assim como sei que existo, que nada me é requerido fazer sem que Meu Pai Eterno me abençoe e me prepare para a tarefa.

Progressos na Europa

No último verão o Presidente McKay disse, “Vá à Europa e abra este grande programa em todas as Missões Européias”. Nós iniciamos pois, e fizemos escala em cada missão, falando ao povo como lhes falamos hoje à noite. Isto se deu no mês de julho — ou melhor, de abril a julho de 1960. *Agora*, os missionários de trabalho foram chamados ao serviço, estando organizados, e antes do encerramento de 1961, teremos 75 capelas em construção na Europa, esperando ter 75 no próximo ano, e pelo menos outras 75 no ano subsequente.

Grã-Bretanha

Um Presidente de Missão na Grã-Bretanha disse, “Nós não temos muitos rapazes frequentando a Igreja, Presidente Mendenhall”. E eu me recordei de lhe haver dito. “Se o Senhor deseja um programa, Ele proverá os meios pelos quais possa ser executado”. Durante os meses de outubro e novembro, na Grã-Bretanha, mais de 400 rapazes foram batizados na Igreja, com idade entre 17 e 21 anos. Mais de 200 deles estavam já preparados para o chamado como Missionários de Trabalho na edificação do Reino.

Amsterdã e Londres

Em uma de nossas reuniões em Amsterdã e outra em Londres, no mês passado, juntamente com o Presidente Moyle, explicamos este programa. Após a reunião, treze homens casados vieram a nosso encontro dizendo: “Nossas esposas afirmam que sustentarão a casa para que saíamos ao trabalho como missionários construtores da Igreja”. Uma senhora, membro da Igreja, veio até mim trazendo seu esposo que não era membro e disse, “Durante esta reunião meu marido e eu discutimos o assunto, e mesmo sem êle ser da Igreja, decidimos dedicar quatro anos de seu tempo como construtor da Igreja, enquanto eu cuidarei da família durante sua ausência”.

A América do Sul Responderá

Portanto, eu sei que este é o desejo do Senhor. E o Presidente McKay me disse, “Irmão Mendenhall, o povo da América do Sul responderá ao programa da mesma maneira que os Santos de todos os lugares do mundo?”. Eu respondi, “Presidente McKay, eu sei que o povo da América do Sul responderá ao programa porque são tão fortes como Santos dos Últimos Dias quanto os membros de qualquer outro ponto da Igreja”. Então o Presidente McKay falou sorrindo, “Eu creio nisto também”.

Quando encaro seus olhos e rostos, irmãos, vejo a mesma natureza de fé e força interior que encontrei nas outras partes do mundo. Estive em Tóquio há apenas alguns meses, e os membros de lá apoiaram o programa, iniciando rapidamente a construção de vários edifícios na Missão Japonesa. Isto o fará feliz, (disse apontando o Irmão Nobuo Suzuki, secretário do distrito de Curitiba). Na Coreia, região devastada pela guerra, os Santos se reuniram e clamaram “Maravilhoso”, prontificando-se a trabalhar — um povo muito distante que desesperadamente luta para sobreviver. Ao olhar para seus rostos — mães, esposas, avós — posso ver fé. E fitando seus olhos, irmãos da assembléia, identifico o tipo de fé e vigor que é requerido.

O Programa

E agora, qual é o programa? A Igreja vem até aqui, e de seu dízimo, empilha bem diante dos olhos dos irmãos todo o dinheiro necessário para fazer esta obra. No topo dessa verba estão os supervisores, a organização que dirigirá o trabalho. Oitenta por cento de tudo que se faz necessário é empilhado bem aqui, diante de seus olhos. Este programa requer 20 por cento a ser doado pelos irmãos sob a forma de um trabalho organizado de Missionários nas obras.

Suponha que alguém venha a mim, pedindo uma quantia de dinheiro para construir uma casa, e eu lhe diga, “Está ótimo, eu lhe forneço 80% de todo o dinheiro que você possa precisar, e se você fornecer 20% em trabalho, então, poderá obter a casa”. E imagine que tal pessoa me diga, “Não, se vou conseguir de você o dinheiro, dê-o todo a mim!”. Eu então responderia, “Não me parece que você *deseje* realmente uma casa para habitar”.

Participação

O sistema do Senhor é o de que trabalhemos em tudo o que somos capazes na Igreja. Eu não desejo que qualquer coisa se faça, em que eu possa participar, sem que eu tome parte. Desejo partilhar de tudo e ensinar meus filhos a se tornarem parte da Igreja, construindo. Não se passará muito tempo antes que construamos uma capela exatamente aqui — aí onde os irmãos estão agora assentados — uma bela e maravilhosa capela.

Participação Familiar

Há alguma família aqui, com quatro ou cinco filhos — um pai e uma mãe com dois ou três filhos? Levante-se um deles. Aí está, subam aqui um minuto. Agora, façamos de conta que todos esses meninos aqui são membros da família. Fiquem parados mais ali. Eis diante de nós duas ou três famílias — mãe e pai, com seus filhos. *Nossa obra na terra é criar com perfeição nossos filhos*. Se desejamos criá-los adequadamente, devemos fornecer-lhes exemplos adequados. Se nossos filhos chegarem a saber aquilo que é seu dever, será através do nosso exemplo. Para salvar a vida de nossos jovens, devemos dirigi-los à união familiar cumprindo os desejos do Senhor.

Quanto vale aquele menino? Aquêlê que está ali. Quanto valerá êle para o Senhor? Não existe tabela de preço para tanto — êle vale tudo que um pai, uma mãe e uma família puderem dispendar para proteger sua vida e orientá-lo nos caminhos da verdade! O Senhor falou que se passar-

mos todos os dias de nossa vida e não convertermos mais do que uma pessoa ao reino de Deus, ainda assim, enorme será nossa alegria! A verdadeira Igreja de Deus ensina uma forma de vida que proteje os membros da família, desde os pais até os filhos; prega que existe uma unidade de laço familiar que protegerá a inteira família fornecendo um padrão de vida para durar toda a existência. Portanto, quando erigimos as capelas, esses pais e essas mães desejam postar-se ao lado delas de mãos dadas com seus rebentos, e apreciando sua beleza exclamar, "Não fizemos uma obra excelente! *Ela é nossa!*"

Porque amamos nossos filhos? Será porque pertencem a outros ou porque são parte de nós? É porque nos pertencem e Deus nô-los confiou, com corpo e espírito — eis porque os amamos. E quando nós, como família unida, podemos participar do soerguimento do Reino de Deus, erigindo capelas, trabalhando na Igreja, enviando nossos rapazes para serem Missionários de Trabalho — tudo isso se entrelaça nas grandes bênçãos que advêm ao pai, à mãe e à inteira família.

Unamos Nossa Fôrça e Fé

Não é necessário, no entanto, que eu entre em detalhes acêrca do funcionamento desse programa ainda hoje. Tudo o que desejo dizer é que é desejo do Senhor e de Seu profeta, que unamos nossos esforços, nossa fé e vidas para construir o Reino. E se fôrmos chamados, se os rapazes forem chamados para Missões de Trabalho, então os pais devem apoiá-los e dizer, "Desejamos que êle vá, e muito o apreciamos; nós o admiramos por ir e o ajudaremos em seu sustento, assim como no de outros". E queremos ainda que cada membro do ramo se sinta parte do trabalho, vindo à noite, nos sábados, feriados, em qualquer dia que seja possível trabalhar, para oferecer sua participação. Em vez de pedir o seu dinheiro, que necessitam de ordinário para se sustentar, planejamos agora um programa de trabalho, pelo qual, em sistema organizado, levantamos os edifícios, participando de maneira a podermos nos tornar orgulhosos deles.

GRAÇA DE VERÃO

(Continuação da pág. 119)

bôlo alto. Nós também tínhamos os olhos gulosos e eu queria gritar com êles.

Mary foi quem recebeu o bôlo na porta.

"Mamãe está doente", disse-nos ela timidamente.

"Sim, sabemos".

"Nós levaremos o prato de volta", exclama-

Esteja Disposto

Eu lhes presto meu humilde testemunho nesta noite, de que sei que esta obra é verdadeira. Eu dediquei minha vida e a vida de minha família a Deus, na construção de Seu Reino e no cumprimento de Seu desejo. Não peço nada mais de qualquer membro da Igreja do que seguir o desejo do Pai e cumprir Seus chamados, oferecendo seu coração no altar, em sacrifício, e prestando-se a qualquer coisa que o Senhor tem para que façamos.

Obediência

Que fez Abraão quando o Senhor lhe pediu que sacrificasse seu filho Isaac? Êle tomou de seu filho amado e carregou consigo uma faca para cortar a garganta daquele que era seu único filho. E empilhou o lenho nas costas de uma mula, para queimar seu filho em sacrifício. Ao alcançar o cimo do monte, amarrou Isaac pelos pés e mãos, deitando-o sobre o fogo que deveria queimá-lo, e procurou depois pela faca, na cinta, estando para degolar seu filho muito querido, quando o Senhor lhe disse. "Não, não, Abraão. Tu já provaste para mim tua fidelidade. A obediência é maior do que o sacrifício". Hoje, nós somos a semente de Abraão, e o mundo foi salvo e a semente do Senhor foi conservada pela obediência, na vida de Abraão.

Resultado de Esforços Conjugados

Desejo pronunciar uma bênção sobre esta terra, e todo o povo da América do Sul, assim como os membros da Igreja. Que Deus os abençoe a cada um de vós individualmente e em famílias. Que Êle os abençoe para que seus corações se encham de orgulho ao prestar obediência a êste grande movimento de construção do Reino na América do Sul, para que possamos ver, levantando-se em todo o Brasil, e por todas as missões da América do Sul, as capelas do Reino de Deus, como resultado do esforço conjugado do povo da Igreja nesta terra, eu oro humildemente em nome de Jesus. Amém.

ram êles. Era um refrão que já ouvíramos várias vezes.

Nosso cãozinho Jake veio correndo ao nosso encontro. "Vá embora", resmunguei eu perante sua saudação selvagem. Êle era realmente um dos cachorrinhos que o Sr. Johnson tentara afogar, mas mamãe o apanhara em tempo. Finalmente papai tivera uma conversa particular com o Sr. Johnson. Assim, o Sr. Johnson concordara em livrar-se de

animais que não desejava em outros lugares, longe do canal que dividia a nossa propriedade.

“Como vai sua maravilhosa mamãe?”, perguntava o Sr. Clough cujo cavalo empinava na estrada. E nós lhe respondemos que mamãe ia bem. “Ela é uma ótima pessoa”. O Sr. Clough curvou-se e olhou para nós severamente.

Sentimos orgulho de nossa mamãe e uma dor na consciência por nossos pensamentos. Nós nunca cresceríamos para alimentar todo o cigano que viesse mendigar à nossa porta ou pegar todo o índio que nos procurasse como diz papai que mamãe faz. Entramos em nosso quintal, olhando furtivamente por sobre a cerca na relva. Não, a coberta de retalhos escura não estava esticada na grama com algum pedinte maltrapilho descansando na sombra de uma árvore, enquanto o jarro verde de mamãe, com água gelada, gotejava em suas mãos.

Nós demos a volta pelo quintal de trás. Não havia nenhuma martelada violenta vinda do abrigo, enquanto mamãe procurava juntar alguma coisa para uma das criaturas de Deus descansar enquanto sarasse de qualquer calamidade que a teria fatalmente matado se mamãe não tivesse aparecido.

Abrimos a porta dos fundos, e lá estava, tomando leite com pão, na mesa, olhando com surpresa para nós, com os olhos vermelhos, uma mocinha que nunca havíamos visto antes.

Ela amarrara um chale cinzento em volta da garganta enquanto o suor caía sobre seus olhos.

“Não fala uma palavra de inglês, a pobre menina. Sua tosse está terrível, mas logo daremos um jeito...”. Mamãe estava fervendo algumas ervas no fogão. “Não fiquem olhando meus filhos, teremos de arrumar uma cama no alpendre dos fundos”. Ela olhava-nos implorativa, pois aquele era o único lugar fresco para se dormir no verão.

Marjorie ajudou mamãe a mudar a cama. Almy e eu voltamos a olhar a mocinha.

Papai estava em pé na porta de entrada. “O que é isto Edith? O que é isto?” Ele levantou Almy até seus ombros e eu aninhei-me em seu braço.

“Não consigo fazê-la largar o chale, John. Já experimentei tudo, mas ela não o deixa. Está tão quente. Faça alguma coisa sim, querido?”.

Papai pôs Almy no chão, e eu perdi meu ninho debaixo de seu braço. Ele curvou-se e esticou sua mão pedindo o chale. Os olhos da moça brilharam e disse “Sim” dando o chale para papai que o colocou desageitadamente no gancho de trás da porta.

“Ótimo” disse mamãe maravilhada, enquanto papai lhe enxugava o suor da testa e beijava-lhe os olhos. “De onde veio ela Edith?”, perguntou enquanto se lavava com cuidado na bacia.

“Pareceu-me ter ouvido um ruído, mas não havia ninguém. Senti que havia algo errado. Coitadinha, ela estava atravessando o campo para a estrada de ferro...” Mamãe tirou o milho amarelo da chaleira que fervia. “O que teria acontecido se eu não a tivesse encontrado?... Não sabe nem uma palavra de inglês”.

Papai sentou-se à mesa e curvamos nossas cabeças. Para onde irá esta menina alemã Edith?

Mamãe desenrolou um envelope amassado e um papel de seu bolso e deu-o para papai. “Sr. e Sra. Herman Hergesheimer...”.

Papai pôs de lado seu trabalho cuidadosamente.

“Como, eles venderam tudo e se mudaram há mais de 4 meses!” Mamãe consentiu gentilmente. “Não é de se admirar que ela esteja aterrorizada”. “Teremos de achá-los para ela”.

Papai apoiou a cabeça na mão. “Não podia outra pessoa tê-la encontrado Edith?”.

Mamãe ergueu o rosto. “Ela é nossa vizinha John. Devemos ajudá-la”. Papai grunhiu, “Às vezes eu desejaria ser seu vizinho!”.

Mamãe abriu os olhos e eles se encheram de lágrimas que ela procurou disfarçar apressadamente. Papai deu volta à mesa e pôs o braço em volta de mamãe, mas ela disse que tudo estava bem e começou a retirar a mesa. Não foi senão quando estávamos comendo a sobremesa de pêssegos em compota, de mamãe, que me lembrei do bólo enfeitado de quatro camadas.

“Como se chama você?” ouvi papai dizer em alemão, interrompendo meus pensamentos.

Ana mal teve tempo de contar-nos seu nome, pois caiu num terrível espasmo de tosse.

“Marjorie e eu podemos levá-la para a cama”, disse mamãe calmamente. “Você precisa chamar o Dr. Williams, John. Isto não é uma tosse comum”.

O Dr. Williams respondia aos chamados de nossa casa com muita alegria. A hospitalidade de mamãe incluía seu favorito sorvete feito em casa.

Porém não havia jeito para aproveitarmos esta visita. Ficamos na porta enquanto o Dr. Williams examinava a garganta de Ana. “Lá está a membrana”. Lavou as mãos cuidadosamente na bacia enquanto mamãe levava Ana para a cama.

“Eu voltarei à cidade para buscar anti-toxinas para todos vocês”. O Dr. Williams puxou seu colete e arrumou o paletó. Evitou os olhos de papai e virou-se para pegar sua valise preta.

“Anti-toxina?”. Perguntou mamãe na porta.

“Aquela menina alemã que vocês recolheram...”. Eu nunca tinha ouvido o Dr. Williams falar tão rudemente. Nem mesmo uma vez em que Almy engoliu um tubo de pílulas no seu consultório, e ele teve de enfiar o dedo na garganta dela a fim de retirá-las. Ela lhe fincara os dentes pior do que Jake fazia com o chinelo de

mamãe. O Dr. Williams limpou a garganta novamente, “Ela está com difteria, Edith”.

A quarentena foi dura. Mamãe entrava e saía do quarto de Ana, mas essa parte da casa estava proibida para nós. Algumas vezes nós espiávamos de dentro da sala puxando a cortina de renda, e examinávamos a parte de trás do aviso em cartão que afastava a todos. Parecia que mesmo a rua no fim da alameda era evitada, e depois que a fama se espalhou, nós passamos horas sentindo-nos como verdadeiros abandonados.

“Quero a mamãe”, Almy começou a chorar no gramado. Marjorie abraçou-a e Almy enxugou os olhos e adormeceu com a mãozinha sob a face.

“Ela deve estar com febre. Veja como o seu rosto está vermelho”, falei para Marjorie.

Marjorie tinha pôsto a mão na testa de Almy onde o cabelo castanho se havia umedecido e feito pontas engraçadas. Almy resmungava e gemia durante o sono, e encostava o joelho gordo no seu peito. “É melhor você ir chamar a mamãe, Maudie!”.

Eu subi os degraus dois a dois e corri para a cozinha. Tôda a casa tinha cheiro de doença. Mamãe estava de pé perto do guarda-roupa e olhou-me com um sorriso. “O pior já passou, Maud. Vá correndo contar para o papai. Ana acabou de comer uma tijela de sopa completa”.

“Mamãe, Marjorie quer que você venha ver se a Almy está com febre. Ela está muito quente, e só quer ficar deitada”.

Eu não aguentei olhar para a mamãe. A felicidade desaparecera por completo. Voou para onde estava Almy. Eu fui chamar papai que estava no campo. Papai veio correndo atrás de mim. Era possível ouvir seu resfolegar como acompanhamento para o ruído dos sapatos.

Por três noites seguidas o Dr. Williams surgiu em seu carro Ford novinho em fôlha. Uma vez eu vi Almy ser erguida no travesseiro, com o rosto enegrecido pela tosse. Às vezes ficávamos debaixo dos lençóis ouvindo.

Muitas vezes mamãe deitava-se ao lado de Almy e papai ficava cuidando. Porém, a tosse vinha e ambos tinham que levantar-se.

“Edith, Edith”, dizia o Dr. Williams com severidade. Você precisa descansar senão acabará morrendo”.

“Eu não deixarei dela”, mamãe dizia.

Ana usava o avental de mamãe e trabalhava na nossa cosinha. Ela fazia pão e fritava tiras de toucinho para o desjejum. Foi Ana quem percebeu a primeira bandeira no fim da alameda. Era um pedaço de pau com um trapo branco na ponta. Marjorie e eu apanhamos a cesta que se encontrava ao lado dela. Naquela noite comemos o melhor bôlo da Sra. Snell. Mamãe não quis jantar, porém levou a nova bonequinha de trapos

para Almy. Almy sorriu e adormeceu com a bonequinha encostada a seu rostinho. Ela dormiu com a boneca até melhorar e papai precisou quemar tudo.

Mas foi justamente naquela noite que mamãe não quis comer que apanhou a difteria. Ana ajudava, porém, papai parecia um espantalho. Sua barba cresceu até assustar a Almy e fazê-la chorar. Depois êle a raspou, porém sempre com os ouvidos atentos ao quarto de mamãe.

A bandeira lá estava no dia seguinte e no outro. Um dia encontramos um monte de toalhas de prato bem bordadas, embrulhadas em papel marron; no outro dia havia biscoitinhos numa caixa de sapatos e bastante trapos limpos. Um pequeno saco de sal cheio de damascos sêcos apareceu, e freqüentemente havia pães e rôscas.

Certa vez encontramos uma galinha temperada, enrolada em muitas fôlhas de papel. Nós levamos tudo para Ana que preparava e servia.

Papai trazia alguns presentes para a mamãe. Um avental novinho, uma bonita camisola azul. Mas mamãe olhava para os lados e começava a chorar. “Eu fui a causadora disto tudo John... É uma bobagem fazer o que faço...”.

Papai fechava a porta, mas sua voz atravessava as portas. “Que tolice. Você estava cumprindo o seu dever de cristã. Edith, Edith!”. Ela começou a sufocar-se. “Meu amor, Edith. Deus nos ajude! Minha Edith!”. Fechamos nossas portas para chorar nos travesseiros. Almy estava bastante bem para ser levada até a cozinha por Ana. Suas bochechas queimadas estavam pálidas e ela zangava-se logo conosco quando não fazíamos o que queria. Ela não ficará tão nervosa quando estiver mais forte de novo, dizia-nos papai Assim nós fazíamos o que ela queria e prestávamos atenção em mamãe.

O verão estava para terminar quando tiraram o sinal. O Dr. Williams estava sentado na varanda dos fundos, perto de mamãe e segurava o seu pulso. Papai tinha perdido muito tempo de trabalho nos campos, mas os vizinhos tinham puxado o feno para dentro e haviam colhido o trigo.

“Você precisa tomar novamente interesse pelas coisas Edith. Aceite o milagre de Almy e você estarem vivas, sem excluir Ana também”.

As lágrimas rolavam por seu rosto novamente. Ela ajeitou os cobertores sobre os joelhos. Eu quebrei um galho de arbusto e fiz uma saia para a boneca de pau de Almy.

“Chorar é natural Edith. Você ainda está bem fraca. Mas o quanto mais cedo deixar de pensar no passado e viver o presente, mais depressa a força lhe virá”.

Ana levou para mamãe o leite morno, e ela disse que não com a cabeça, chorando silenciosamente. Ana pegou uma colher e deu-lhe o leite às colheradas.

O vento estava frio, e já havia uma porção de fôlhas de laranjeira espalhadas pelo gramado. No escuro, pus os braços em volta de papai, quando êle me veio dar boa-noite.

“Quando as coisas voltarão ao normal, papai?”, murmurei na escuridão.

Por muito tempo não se ouviu nenhum som no quarto. Depois papai sentou-se na beirada da cama. “Sua mamãe fêz um ato cristão e o castigo excede a tudo o que o diabo possa imaginar. Ela perdeu o contato com o ritmo da vida e nós temos que dar-lhe tempo, eu penso...”. Êle suspirou e calou-se. Adormeci antes que papai deixasse o quarto. Ana não foi trabalhar com Herman Hergesheimer. “Não, não”, dizia ela vigorosamente em sua língua. “Eu quero ficar com os senhores!”. Ela não queria abandonar mamãe! Além disso, havia Ludwig, o homem que papai empregara e que ia comprar uma fazenda própria. Êle tinha uma queda por Ana, e quando chegasse o tempo em que mamãe não precisasse mais dela, Ana pensava se casar com Ludwig. Mas até êsse tempo, êle não devia importuná-la.

Ana fêz aventais para irmos à escola. O outono já havia chegado, e faltava apenas um dia para se iniciarem as longas caminhadas de carreta para a escola.

Nós andávamos no quintal sentindo uma grande solidão. Ludwig foi até o gramado dos fundos e deitou-se. Nós observamos o seu rosto.

“Sangue no nariz...”, disse êle passando a mão pelo rosto.

Nós corremos para dentro da casa e umidecemos um dos melhores panos de prato de mamãe. “Ana!”, gritamos. Mamãe estava deitada no sofá da cosinha, que papai ali tinha arrumado para ela. Ana saíra de casa para comprar a fazenda do vestido de Marjorie. “O que é que houve?” Nós contamos a ela o que havia com Ludwig, e o sangue que perdia. Ela enrolou o chale no pescoço e acompanhou-nos até o gramado. Ludwig estava muito ensanguentado e triste. “Dê-me a toalha, Maud”. Mamãe pôs a toalha na testa dêle e mandou-nos buscar um pouco de gêlo na cosinha.

Quando voltamos ela estava falando com Ludwig. “Tanto sangue Ludwig. Qual é a causa disto tudo?”.

“Talvez seja a sangria do coração”, disse Ludwig. Mamãe deu-lhe uma olhada muito séria e mandou-nos buscar mais panos, embora praticamente se pudesse ver que a hemorragia havia cessado.

Quando voltamos mamãe e Ludwig estavam conversando sôbre Ana.

E mamãe continuava a dizer, “. . . Mas ninguém me disse nada, nada”. Ela convidou Ludwig para jantar. Faremos o jantar mais tarde para dar tempo a você de ir para casa e se vestir”. Ludwig sorria e sorria.

“Eu farei um bôlo enfeitado para o jantar”, disse mamãe para si mesma e para nós. “Vocês meninas poderão preparar as coisas e eu irei batendo o bôlo”, isto é, acrescentou ela olhando para nós, “se eu ainda não me esqueci”. Nós sorrímos muito para ela, tal qual Ludwig fizera.

EU GOSTARIA DE SABER

(Continuação da pág. 109)

24; 5:1-3). Lemos também que, Hannah, a mãe de Samuel, entrou no Templo ou Tabernáculo a procura do Senhor, pedindo um filho, e o Senhor ouviu suas preces. (I Samuel 1:11-8, 28). Lemos ainda no livro de Juizes, da mulher de Manoah, que recebeu a visita de um anjo, com instruções que diziam que ela ia ter um filho o qual julgaria Israel. Esta manifestação foi repetida na presença de seu marido. (Juizes 13:2-21).

Joel também profetizou que nos últimos dias o Senhor derramaria seu Espírito, com as seguintes palavras:

“E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sôbre tôda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos sonharão sonhos, os vossos mancebos verão visões.

“E também sôbre os servos e sôbre as servas naquêles dias derramarei o meu Espírito”. Joel 2:28-29).

No Novo Testamento lemos sôbre um grande número de mulheres fiéis que procuraram e deram conselho. Muitas delas seguiram o Senhor e o

serviram. Ana, a filha de Phanuel, era uma profetiza... “que não se afastava do Templo, mas servia a Deus com jejum e orações dia e noite”, e ela ensinou aqueles que estavam presentes, da redenção que viria através desta criancinha. (Lucas 2:36-37). Mesmo nos dias de Paulo havia muitas mulheres notáveis que ministraram as necessidades dos irmãos, e parece que a algumas delas foi dada autoridade.

Nos dias de Paulo, porém, era costume universal que as mulheres não fizessem parte do governo político, nem ministrassem nas Igrejas. Israel, sem dúvida adotou algumas idéias dos governos gentios com os quais teve contato. O povo judaico assimilou alguns costumes e práticas comuns entre seus captores e que eram contrários ao anterior governo de Israel. Muitos rituais e técnicas criadas por homens foram adicionados à lei. O costume das mulheres permanecerem silenciosas, pode ter sido emprestado de seus vizinhos pagãos junto com essas adições que os sacerdotes fizeram à lei judaica.

Ê registrado em algumas enciclopédias, que Paulo se baseou em seu modo de pensar sôbre al-

gumas tradições judaicas que se tinham acumulado através dos anos. Era mandamento que as mulheres não tivessem permissão de ensinar, nem mesmo de fazer perguntas em suas assembléias. De acôrdo com o "Comentário" de Clarke, os rabinos ensinavam que "uma mulher não devia fazer nada senão usar suas serventes" e o rabbi Eliezer tem a seu crédito a afirmação de que seria melhor "queimar os registros da lei do que entregá-los a mulheres". Por isso, às mulheres judaicas não era permitido ter nenhum ofício público, falar em assembléia ou mesmo fazer perguntas em reuniões públicas. Paulo se baseou estritamente em tal lei.

Nesta dispensação, o Senhor mandou que as irmãs da Igreja fôssem organizadas, que fizessem

reuniões, ensinassem o Evangelho do Reino umas às outras, e administrassem aos pobres, necessitados e desconsolados. Elas devem atender aos doentes e àquêles que necessitam de conforto. Nossa Sociedade de Socorro veio à luz por revelação divina. Isto também se dá com a Associação de Melhoramentos Mútuos e a Primária. As noções tolas que os judeus praticavam não têm lugar no Reino de Deus hoje em dia. O Senhor prometeu o Dom do Espírito Santo a todos os homens e mulheres, em condições de fidelidade, humildade e verdadeiro arrependimento. Eles devem estudar e conhecer as verdades do Evangelho e se preparar por meio de estudos, fé e obediência a todos os mandamentos, procurando luz e verdade, para poderem fazer jus à glória celestial.

2.ª CONFERÊNCIA DOS JOVENS

(Continuação da pág. 120)

no meio do Rio Guaíba. Durante três horas e meia estivemos extasiados com a beleza ao nosso redor. Eram as estrelas bailando sôbre as nossas cabeças, a brisa fresca e reconfortante temperando o nosso entusiasmo e as ondas leves tocando sob os nossos pés, numa harmonia impressionante com a música de dança.

Até uma ilha próxima não deixou de ser notada. Era o esplendor da natureza confundindo-se com o esplendor da nossa juventude. Era o conjunto das criações Divinas bailando e executando as suas diferentes composições, num regozijo de agradecimento pelo privilégio da existência. Era a confraternização de tôdas as coisas que ali existiam. E eram os jovens que mercê de Deus as dominavam...

As lágrimas de alegria e tristeza derramadas pelos olhos de muitos jovens, quando se regozijavam pelo caminho seguido, e quando lamentavam a ausência de seus familiares e amigos nesse mesmo caminho, tocaram todos os corações presentes e forçaram-nos a pensar melhor na verdade restaurada por Joseph Smith.

A viagem dos jovens transcorreu normalmen-

te, mas o regresso do Presidente foi eletrizante. A velocidade imprimida, para corresponder à pressa do missionário n.º 1 — pois com 35 ramos e um vasto plano de construções, o Presidente vive correndo, — e as máquinas e tambores espalhados pelo trecho Catarinense, tornaram a viagem excitante. O irmão Bernardino aproximou-se de um caminhão, na velocidade de 120 Km, e em seguida freiou o carro em cima de uma compressora que estava estacionada sem sinaleiro ao lado de um caminhão com os faróis acesos. O leitor avaliará o que foi êsse momento, para os dois. Logo à frente, ainda conservando alta velocidade, a camioneta pôs os dois rodados direitos para fora da pista, dizendo que estava na hora de trocar de motorista... Canseira, sono ou... Para refrescar a noite e o motor e para trazer mais sensação, desabou uma chuva torrencial, num determinado trecho da viagem. E às duas e meia de sábado, o Presidente chegava a Curitiba.

Hoje, amanhã e depois, os jovens permanecerão sob a emoção da II Conferência, erguendo o facho da verdade, que brilhará eternamente nos corações de cada um, a fim de que, uníssonos, eles possam, de fato,

DEIXAR A SUA LUZ BRILHAR.

BERPLASIL

Reminiscências

MISSIONÁRIOS
DESOBRIGADOS
DA MISSÃO BRASILEIRA



ELDER
James C. Thornton



ELDER
Bruce O. Jensen



ELDER
Michael R. Moody

O tempo deve ser aproveitado, não desperdiçado

Por Jannie B. Rawlins

As pessoas que realizam mais na vida não dispõem de mais tempo do que as outras, mas cultivam a filosofia de que o tempo deve ser aproveitado — não desperdiçado. Trazem um propósito atrás de cada ação e não perdem momentos preciosos.

Já se falou muito contra o tempo perdido, porque não produz nem satisfação nem proveito para ninguém.

O tempo empregado em tagarelices ociosas é inútil.

O tempo que se gasta esperando outros ou em preocupações e remorso é quase sempre uma perda total.

Em vez de deixar crescer a ansiedade enquanto espera por alguém que está atrasado, empregue esse tempo como abençoado relaxamento da pressão e da tensão — um descanso e reorganização dos pensamentos para permitir que a paz e a ordem se lhe infundam na mente. Terá assim usado essa ocasião com discernimento. Muitos homens, em vez de se enervarem enquanto esperam a mudança de côr num farol de tráfico, aproveitam aquêlo momento para soltar a direção e relaxar os nervos perguntando-se porque é que estão com tanta pressa.

Se o tempo dispendido em preocupações ou remorsos induzisse a uma reconsideração do motivo da preocupação e a uma determinação de fazer melhor no futuro, aquêlo tempo não seria perdido.

Apesar de não ser totalmente “desperdiçado”, muito tempo se perde sem necessidade. O tempo que se leva a revolver um monte de artigos desorganizados, para encontrar o item necessário, o que se emprega a fazer coisas de maneira errada ou pouco prática, o tempo que levamos adiando, ou servindo outros que são capazes de se servir sôzinhos, tudo poderia ser usado com muito maior proveito.

Possivelmente as horas mais valiosas são as horas vagas. Nelas a sensibilidade interna pode ser aprimorada ou degradada. O nível cultural pode ser levantado ou rebaixado. Hoje em dia, a literatura profícua, a boa música, as atividades saudáveis e instrutivas estão ao alcance de todos nas horas vagas, a fim de que possam servir para cultivar o gôsto pelas coisas finas, atraindo a nossas vidas uma riqueza e plenitude que apenas as coisas proveitosas podem granjear.



Casa onde nasceu o Profeta Joseph Smith — Sharron, Condado de Windsor, Vermont.

Devolver a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO